



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Já 19:23

Literatura



Antônio Patrício

Pedro o Cru



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Pedro o Cru
Antônio Patrício

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1918.

Livro Digital nº 639 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Portuguesa.

Antônio Patrício

(1878 - 1930)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

PEDRO O CRU
DRAMA EM QUATRO ATOS



À MEMÓRIA
DO MEU GRANDE AMIGO
JOSÉ MARIA DE ALPOIM

Com admiração e com saudade.
A.P.

DRAMATIS PERSONAE:

PEDRO O CRU (rei de Portugal)
O INFANTE D. JOÃO (seu filho)
AFONSO MADEIRA (escudeiro valido)
PÊRO COELHO
ÁLVARO GONÇALVES
MARTIM, O BOBO
UM PASTOR VELHO
UM ESCUDEIRO
O CORREGEDOR
O ASTRÓLOGO
O BISPO DE COIMBRA
O BISPO DA GUARDA
O PRIOR DE ALCOBAÇA
O FRADE VELHO
MESTRE ANTÔNIO (o imaginário)
A ABADESSA DE SANTA CLARA DE COIMBRA
PRIMEIRA FREIRA
SEGUNDA FREIRA
A IRMÃ PORTEIRA
A FREIRA VELHA

Fidalgos e donas, pajens arautos, frades e freiras, mendigos, moços de monte, etc.

(O primeiro ato e o segundo, em Coimbra; o terceiro, numa aldeia entre Coimbra e Alcobça; o quarto, em Alcobça. Século XIV)

ATO I

O Paço de Coimbra. Noite. Uma sala de abóbada alta e fria. As tapeçarias das paredes estão comidas de sol, em gamas mortas. Ao fundo, duas janelas de poiais de pedra. Os vitrais dormitam na penumbra. A lareira sem lume, entre as janelas, tem ramos frescos de choupo e de salgueiro, que só podem aquecer num serão de almas. De cada lado, em argolas de ferro, arde um tocheiro. À esquerda, uma porta exterior larga e baixa. À direita, uma porta interior. A sala não tem móveis: uma nudez de desconforto, lúgubre. Só ao pé da lareira há um escano rude, e esquecida no chão, uma viola.

(Na cena, um instante em silêncio, estão dois pajens)

PRIMEIRO PAJEM

Há mais de uma hora que El-Rei anda na folgança.

SEGUNDO PAJEM

Ouvem-se ao longe, as longas. Ouves? *(Vai à janela. Escuta)* Ainda há pouco, vi reflexos de archotes no Mondego. Agora não se veem...

PRIMEIRO PAJEM

El-Rei, estas noites, tarda mais, não tem descanso. Baila, baila, e com ele o povo todo. Nunca foi dado ao sono, mas agora parece querer afugentá-lo.

SEGUNDO PAJEM

E logo ao romper de alva, montaria. Toda a corte anda inquieta, estremunhada...

PRIMEIRO PAJEM
Sabes o que se diz?

SEGUNDO PAJEM
Eu sei... eu sei...

PRIMEIRO PAJEM
E será certo?...

SEGUNDO PAJEM
Por o que vejo... Parece... Ainda esta madrugada, foram esculcas por todos os caminhos. A avença com o Rei de Castela...

PRIMEIRO PAJEM (*interrompendo*)
Acreditas então que El-Rei perjure...

SEGUNDO PAJEM
São estes os rumores. Eu por mim...

PRIMEIRO PAJEM
Eu não. Não posso crer. El-Rei jurou, ainda infante, perdoar-lhes. Ouves bem? Jurou, jurou a seu pai, ao Rei Afonso.

SEGUNDO PAJEM
– Shut! Shut!... Eu por mim, não sei, não digo nada... (*Vai espreitar às janelas, o outro segue-o*)

SEGUNDO PAJEM
Já não vejo os archotes...

PRIMEIRO PAJEM
Nem eu.

SEGUNDO PAJEM (*depois de uma pausa*)
Onde irá agora a folgança?... Ouves?...

PRIMEIRO PAJEM

Eu não ouço nada.

SEGUNDO PAJEM (*mais baixo*)

El-Rei é pai. Todo o povo o diz. El-Rei é pai... Mas já viste alguma vez que perdoasse?... A quem, vá, dize, a quem?...

PRIMEIRO PAJEM

El-Rei é bom, mas justiceiro.

SEGUNDO PAJEM

El-Rei é pai, mas duro no castigo. Vê tu o bispo, por dormir com uma mulher casada. Quando El-Rei soube, mandou-o chamar, fechou-se com ele numa câmara, e ali mesmo o desvestiu e açoitou, forçando-o a confessar o malefício.

PRIMEIRO PAJEM

Foi justo, acho eu, foi de justiça.

SEGUNDO PAJEM

E acreditas que El-Rei, El-Rei que é assim com grandes e pequenos, vá perdoar aos matadores de Inês de Castro, daquela que ele amou como nenhuma...

PRIMEIRO PAJEM

Se jurou a seu pai... Que queres que faça?...

SEGUNDO PAJEM

Pouco durará quem o não vir.

PRIMEIRO PAJEM

Sou eu que não duro se esta vida continua. El-Rei gostou sempre de andar de paço em paço. Mas agora é de mais. Não para nunca. E estas salas, não sei que têm, põem-me tristonho. Quase todas vazias, sem conchego. Nem ali na lareira há boa lenha. (*Apontando*) Vês?... Ramos de choupo e de salgueiro, cortados de manhã, ainda com folhas... Que quer isto dizer? Tu sabes?... E a viola de Afonso ali no

chão... (*Outro tom*) Se me deixassem!... Queria dormir, dormir dias sem conto.

SEGUNDO PAJEM

E logo ao romper de alva, montaria...

(*Ouvem-se distintamente as longas, num somido de prata e de saudade*)

PRIMEIRO PAJEM

Ouves as longas? É ele. Vem já perto.

SEGUNDO PAJEM (*entrando a correr pela direita*)

Lá vêm, lá vêm. Vêm a descer a rua, El-Rei à frente. Baila de roda, baila, baila sempre...

(*Ouvem-se de novo as longas. Vão a correr às janelas. Reflexos de archotes acordam os vitrais. Vozearia*)

VOZES (*fora*)

Viva El-Rei! Viva El-Rei! El-Rei é pai.

A VOZ DE PEDRO

Que entrem! Bailei sem descansar. Não pude ouvi-los.

(*Pela direita, entram dois pajens com archotes; e entre gente da corte abrindo alas, Pedro, Afonso Madeira, turba vária: moços de monte e pastores, mendigos. Pedro é alto e ruivo, espadaúdo - uma esvelteza forte de monteiro. Tem uma barba "de rio", acobreada, feições afiladas, em arestas, e nos olhos castanhos, muito claros, o olhar ou é vago, quase de aura, ou é dominador de juiz e rei. Traz suspenso da cinta um azorrague. Deixa-se cair no escano, extenuado*)

PEDRO (*olhando em torno*)

É tarde. Vá! Quem quer justiça?

UM VELHO (*é um pastor vestido de estamemha esfarrapada*)

Eu, meu senhor.

(Cai aos pés de Pedro, de joelhos)

PEDRO

Que tens tu? Estás meio morto de cansaço, velho.

O VELHO

Vim também na folgança, meu senhor, e ia sempre a bailar com a morte na alma. Mas como vós me ouvis, estou já contente.

PEDRO

Levanta-te e dize. Conta ao que vieste.

O VELHO *(aos haustos, como se a comoção o estrangulasse)*

Já, meu senhor. Pois foi assim. Eu era cabreiro. Vivia no monte com a minha filha e as minhas cabras. Passávamos por lá o ano todo. Vivíamos com Deus... muito felizes. Só três vezes descíamos à aldeia... No Natal... Na Páscoa e pelo Verão, na festa da Aparecida, que é em Agosto... Foi lá que Antônio, o Cantador, viu minha filha. Cantou no adro loas à Senhora, mas cantava-as com os olhos postos nela... Foi assim que a perdeu... que a enfeitiçou... Nunca mais sosseguei desde esse dia. De mês a mês, por fim cada semana, Antônio, o Cantador, subia ao monte. Ao ouvir-lhe as trovas, ela vinha aos atalhos ter com ele. E o que tinha de suceder lá sucedeu... Um entardecer, ao entrar, não achei ninguém. Ele viera por ela. Fiquei só. Vivi no monte aquele inverno ralado de saudade a malhar as cabras... Mas foi pelo Natal, no povoado, que eu vi bem a desgraça, cara a cara...

PEDRO

Anda... dize depressa.

O VELHO

Antônio, o Cantador, cantava trovas a outra... já a esquecera. E sozinha no mundo – a minha filha! – dava-se aos vagabundos nos caminhos...

PEDRO (*levanta-se: uma mão contraturada no azorrague*)
E onde é a tua aldeia?...

O VELHO

É na Mortágua. (*Erguendo as mãos*) Por Deus, meu senhor, ouvi ainda... Um gafo que fugiu da gafaria roussou-a e apegou-lhe o mal... A minha filha agora é uma chaga... E era a bênção de Deus feita mulher!... Faz-me medo – a mim que a trouxe ao colo... Não tem dedos dos pés... Caminha em cotos. Voltou assim à aldeia e apedrejaram-na. E quando eu a conheci –foi por a voz – entre os malvados, a atirar-lhe pedras, lá estava ele, o Cantador maldito, (*rompe em soluços*) a apontar-me com chascos e a rir-se... de mim e dela... a rir... a rir-se dela... E com uma voz de cortar o coração, ela chamava-o ainda pelo nome...

PEDRO (*com a voz presa, um rir feroz*)

Hé!... Hé... Prepara alvíssaras. Palavra do teu Rei. Está sossegado Eu mesmo hei de encontrá-lo... hei de levar-te duma galopada, amarrado à cauda da minha égua... (*O velho ajoelha, beija-lhe as mãos*) Sim... Sim... Prepara alvíssaras. Foi com trovas que enfeitiçou a tua filha?... Descansa. Hemos de cortar-lhe a língua rente... a ver como ele grunhe, o Cantador!... (*Levanta o velho pelos ombros*) Descansa, descansa. Seremos ambos nós os seus carrascos.

O VELHO (*lavado em lágrimas, sorrindo*)

El-Rei é pai... El-Rei é pai...

PEDRO

Podes ir em paz. Vai sossegado. (*Ao corregedor*) Ouviste?... Não é agora tempo. Falaremos. Tu mesmo amanhã me lembrarás. (*A turba sai. Ficam alguns da corte*) Já tendes poucas horas para dormir. Ide, ide todos. Até que as trompas chamem. Dormi bem. Quero-vos ver como falcões, no monte.

(*Ficam Afonso e Pedro. Os outros saem*)

AFONSO (*depois de olhar Pedro alguns instantes*)

Se dormísseis um pouco, meu senhor?

PEDRO

Quero antes ouvir-te. Abre a janela e trova, trova muito. Aqui ninguém nos ouve. Faz-me bem.

(Estende-se no escano, fica imóvel. Afonso abre a janela, ergue a viola, e deita-se no chão aos pés de Pedro. Entra uma aragem, como um gesto de noite adormecida)

AFONSO *(a meia voz, ferindo as cordas)*

Sou teu, tu és minha.

Quem morre não parte;

Nem Deus nem a Morte

Puderam levar-te.

PEDRO *(depois de um silêncio)*

Como tu me falas dela, Afonso!... Só a tua voz e os olhos dos meus galgos, nas manhãs de montaria, ao luzir de alva, vêm falar-me de Inês, do meu amor... Na tua voz há ecos da voz dela... nos olhos deles, – não sei quê do seu olhar... Sobretudo na tua voz, e nessa trova... Vá, canta-me outra vez, a mesma, Afonso.

(Afonso diz a trova em voz lenta)

PEDRO

Nem a morte... Dizes bem, Afonso. *Nem a Morte...* *(Fixando-o)* Vou dizer-te um segredo para te mostrar uma vez mais, como te quero. Ninguém o sabe. Só ela e Deus. Ninguém mais. *(Febrilmente)* Tu sabes porque não durmo há já seis noites, saio a bailar mais triste que a tristeza, e não deixo dormir os meus falcoeiros para correr montes em batidas doidas?... *(Afonso diz que sim num aceno mudo. Pedro passa-lhe a mão pelos cabelos)* Tu conheces-me, Afonso. Tu sabes que é bem outra a minha caça, e há muitos anos já, há muitos anos...

AFONSO *(tristemente)*

E então, meu senhor, há boas novas?

PEDRO

Firmei pela calada, com El-Rei de Castela, meu sobrinho, a avença que tu sabes. Está cumprida. Um escambo só, e serão meus. Já mesmo o são: não tardam. Tu verás. Os que fugiram de Castela estão entregues. Os meus vêm a caminho: tu verás. Dei sentença de traição contra eles, como réus contra mim e o meu estado. Há esculcas por todos os caminhos. Vêm avisar-me logo que os avistem. E vêm aí, Afonso... Hein! Boa traça...

(Afonso, inquieto, queda a olhá-lo)

PEDRO

Tu calas-te!... Fala. Sabes como te quero. Não tens nada a temer. Dize... sê franco.

AFONSO

Tenho medo. Medo que mo não perdoeis...

PEDRO

Fala confiadamente. Tu conheces-me (*Com ternura*) Dize: dize, que eu adivinho bem o que tu pensas...

AFONSO

Então perdoai, senhor. Aquando Infante, não fizeste acordo com El-Rei, com El-Rei vosso pai, de perdoar aos matadores de D. Inês?... E agora, depois de juramentos e promessas, não cumpris, meu senhor... não...

(Para hesitante)

PEDRO

Continua, Afonso, continua.

AFONSO

Sofrei que vo-lo diga: sois perjuro...

PEDRO (*com um fervor de iluminado*)

Perjuro!... Conheces tu, Afonso, a minha fé?... Como sabes então se perjurei?... Eu vivo pro Amor e pra Justiça. O meu povo... a corte... mesmo tu, só conhecem de mim o justiceiro. Mas para além da Justiça e bem mais alto, há um rei que te fala e não conheces, que é rei de Portugal e anda na Morte, porque é nela que vive o seu amor... O meu Paço Real, o verdadeiro, é uma cova num claustro, em Santa Clara. (*Como em êxtase*) Há mais sol nessa cova que no céu. (*Outro tom*) O teu rei... o teu rei com azorrague à cinta; que por amor da Justiça, é até carrasco; o teu rei, monteiro e bailador, que é o pai do seu povo, bom e duro... quando o vês assim... (*Mais baixo*) ouve: ouve bem e cala o que te digo... (*Como uma expressão beata, transcendente*) vem de longe... de longe... muito longe... O meu reino é maior do que tu pensas. Portugal é uma província apenas. O meu reino de segredo, sem fronteiras, o meu reino de amor abrange a Morte, a sua natureza de mistério... Há sete anos, Afonso, há já sete anos... Desde que a minha Inês mudou para lã. O nosso amor, Afonso, tem duas asas... Uma é a alma dela... outra é a minha...

(*A voz some-se-lhe. Descai a cabeça, como em síncope*)

AFONSO (*humílimo*)

Meu senhor... Dizei que perdoais... que me perdoais...

PEDRO (*reanimando-se, com uma voz branda de sonâmbulo*)

Tu não sabias, Afonso. Não tens culpa. Mas agora compreendes... compreendes... Vês bem o meu destino: como eu... Tem as mãos nos ombros do teu rei... e leva-o, leva-o como o vento no mar, as minhas naus. Nenhum homem o teve igual. Não crês, Afonso?

AFONSO

Ninguém amou com um amor tão alto, meu senhor.

PEDRO

Ninguém, ninguém. (*Outro tom*) Voltando à minha traça... Tudo me diz – é uma voz dentro de mim, que eu ouço – que serão do meu carrasco antes do sol. (*Olhando pela janela*) A noite ainda tem muito

que andar... e eles também, decerto... (*Apontando*) Vês acolá, Afonso, por trás da falcoaria, está a levantar-se a lua. Vem tão tarde! É a nossa lua... é a nossa... (*Com uma crueza sôfrega*) Faz-me mais sede do que o sol de Agosto, depois de horas e horas a montear, quando as penhas estalam de martírio... Faz-me sede... sede... sede de sangue... sangue deles... (*Leva as mãos à garganta*) Está a queimar-me a gorja... as veias... toda a carne... toda a alma...

AFONSO

Meu senhor... Ides adoecer assim; acalmai-vos que a tardança agora é pouca.

PEDRO

Estou calmo, Afonso, muito calmo. Isto é uma sede que cresce em mim há bons sete anos, mas – louvado Deus!... está perto a fonte.

AFONSO

Logo que os avistem, os esculcas virão de galopada a prevenir-vos.

PEDRO

Certo, certo...

(*O luar bate nos poiais de pedra*)

AFONSO

Vede, meu senhor, o luar...

PEDRO

É verdade, Afonso. A lua dela!... Começa a sua ronda. Nunca a esquece. E tem um olhar de sede... Eu sei... eu sei. Não há fontes no céu para aquela sede. (*Exaltando-se*) Vem morta de fadiga... Está cansada. Está como eu. Não pode esperar mais.

(*Caminha para a janela. Afonso segue-o. O luar toca os longes de saudade. A paisagem surge medianímica. Ao fundo, a tira de mercúrio do Mondego*)

PEDRO (*numa exaltação crescente*)

As árvores... os choupos... são os choupos... Sabem também, Afonso. Saberão?... As folhas, ao luar, caem mais lento. Vou dizer-lhes... aos choupos, um a um, às árvores que a lembram e a amaram... às folhas secas, que na noite morta, rastejam tanta vez com os seus suspiros... E ao Mondego, além, a escorrer lua... Vou dizer-lhe que esperem mais um pouco, que eles vêm, vêm aí, que estão já perto... (*Põe-se à escuta. Bruscamente*) Não ouves um tropel?... (*Sacudindo Afonso pelos braços*) Ahn? Ahn?... Afonso...

AFONSO

Nada, meu senhor, não ouço nada. Só se ouve o ranger das folhas secas.

PEDRO (*ainda à escuta*)

Cuidei... cuidei... Mas agora vejo que não... Era a minha ânsia que os punha a galopar para o meu carrasco.

AFONSO (*implorando*)

Tendes febre, meu senhor. Fazei... fazei por sossegar.

PEDRO

Estou muito... muito sossegado. Vê tu a noite, Afonso! Nunca foi tão noite... nunca rolou para a manhã tão docemente. Entra em nós como um óleo de saudade.

AFONSO (*sorrindo*)

Assim, meu senhor. Falai assim... Tendes já outra voz; tendes a voz do meu senhor agora.

PEDRO

Sentes, Afonso?... Cheira a Outono. (*Fica a aspirar segundos*) Os perfumes na sombra têm uma voz de aparição.

AFONSO

Cuido que são das laranjeiras, meu senhor.

PEDRO

Talvez. Mas mais magoadas... como se a saudade as pisasse, as triturasse.

AFONSO (*depois dum silêncio*)

Perdão, meu senhor. Faláveis há pouco num segredo...

PEDRO (*interrompendo-o*)

Que o não será por muito tempo. Depois do que te disse, podes senti-lo até à raiz, metê-lo na alma. (*Olha em frente de si. Alucinado*) Eles vêm... Esta noite ainda. Não é verdade, Afonso?...

AFONSO

Decerto, meu senhor.

PEDRO (*com um movimento brusco*)

Decerto... Tu duvidas?

AFONSO

Não, meu senhor, é certo, é certo...

PEDRO (*com uma lentidão de esforço*)

Bem. Eles vêm. Quem sabe se não estão já muito perto. (*Fica um instante atento*) Não se ouve nada. O luar está mais loiro... cor de trança... (*Outro tom*) Dentro em pouco, vêm os homens de atalaia prevenir-me. Mando acordar Tristão, o meu carrasco. Depois... mas não é este o meu segredo. Sobre isto, está já tudo meditado. Cada gesto: os meus e os do carrasco... Tudo, tudo. E tu verás: todos verão, Afonso. (*Levantando as mãos ao pescoço*) Tenho sede...

AFONSO

Eu vou buscar-vos...

PEDRO

Não, não. É outra sede... é outra. (*Com uma serenidade aparente*) Ora imagina tu que justiça foi feita. E daqui a horas... sim, talvez daqui a horas, justiça será feita. Então, a paz de Deus virá sobre a minha alma. Três dias viverei com o meu amor... (*Afonso fixa-o com espanto e*

com terror) Logo... logo depois de os justificar, vou erguê-la da cova... à minha Inês.

AFONSO

Meu senhor... Que dizeis!?!...

PEDRO (*como se o não ouvisse*)

Vou bater à cova dela e chamo: – Inês... E em Santa Clara, aqui pertinho. (*Misteriosamente*) É por lá que se vai para o outro reino...

AFONSO

Meu senhor...

PEDRO

Depois a coroação.

AFONSO (*mais alto sem poder conter-se*)

De quem, senhor?...

PEDRO (*extasiado*)

Da tua Rainha... de Inês... do meu amor.

AFONSO

O quê, senhor?... Ides violar a morte...

PEDRO

É uma ressurreição: é quase, Afonso. Não por mim: por o Amor, como a de Cristo.

AFONSO

E sem temor?...

PEDRO (*com uma fé simples*)

Sem temor. Eu vou com o meu amor como com Deus.

AFONSO

Mas nenhum homem, nenhum rei, ninguém na terra ousou...

PEDRO

Ninguém na terra amou como eu, Afonso. (*Olhando a noite*) As estrelas têm frio, estão roxas... roxas de frio.

AFONSO

Deve ser quase madrugada.

PEDRO (*olhando noutra direção*)

Afonso! Afonso!... Olha a lua!... Tem a face de Inês... da minha Inês... exangue... exangue... como eles a deixaram...

(*Afonso espreita. A luz é um belo de luar e de alva*)

PEDRO (*com uma grande tristeza*)

Vão as nuvens cobri-la... (*Outro tom*) Viste-a, Afonso? Viste-a?

AFONSO (*contagiado*)

Vi, meu senhor, vi... Era ela...

PEDRO

E entendeste, entendeste o signo? Estão perto... quer dizer que eles estão perto. A minha sede cresce... cresce... Tenho os beijos como folhas secas. Escuta: ouves alguma coisa... ouves?...

AFONSO

Só o vento. O vento da madrugada, meu senhor.

PEDRO

Mas não tardam... Tenho a certeza agora... estou seguro. Oh!... Oh!... Sinto o coração ledado e ligeiro. Trova... trova...

AFONSO (*cantarola, uma voz átona*)

Mondego, Mondego;

O sonho voou;

Mas veio a saudade

E ressuscitou.

PEDRO

Como tu cantas!... Como um condenado. Que tens tu? Outra... outra ainda.

(Enquanto Afonso diz a trova, Pedro, debruçado, sorve os longes)

AFONSO

Saudade, saudade,
És todo o sentir.
Eu tenho saudades
Do trem que há de vir.

PEDRO *(comprimindo uma alegria doida)*

Agora é certo, Afonso. Vem ouvir. Não são as folhas secas nem o vento. São cavaleiros... é um galope... Ouves?... Pam-pam!... Pam-pam!... Parece que ouço o coração da terra a bater com o meu... ao mesmo tempo...

AFONSO *(escutando)*

Agora sim, meu senhor, tendes razão.

PEDRO *(hirto, os lábios cerrados como em trismus)*

Enfim!... Eles...

AFONSO *(debruçando-se)*

São dois, meu senhor: dois cavaleiros. Dobram agora a curva do caminho... *(Instantes depois)* Agora só os ouço: não os vejo. O luar esmaece... vai a afogar-se no Mondego.

PEDRO

Vêm com o orvalho... Eu bem te disse.

AFONSO *(perto dele)*

Daqui por uns segundos estão no pátio. São os homens de atalaia certamente. *(Depois de um silêncio)* Que ordenais?

PEDRO (*como alheado, com esforço*)

Chama os guardas... Não, não. Vai tu: tu mesmo. Trá-los depressa ao pé de mim, logo que cheguem... Mas sem ruído: que ninguém os sinta.

(*Afonso sai precipitadamente, uma penumbra de manhã, friorenta. Os cocheiros ardem sempre, lívidos. Pedro escuta imóvel uns segundos: depois vai à janela da esquerda*)

PEDRO (*chamando*)

Afonso! Afonso...

A VOZ DE AFONSO

Chegaram, meu senhor. Agora mesmo.

PEDRO

Que venham já! Trá-los contigo. (*Volta-se: uma alegria alucinada. Vai à lareira, ergue alguns ramos: ri-lhes*) Acordai, acordai... Eh! Folhas de ouro... Os outros dormem: vinde vós ouvir... É uma grande nova, a boa nova...

AFONSO (*à porta*)

Ei-los, meu senhor.

PEDRO

Manda-os entrar.

Entram dois cavaleiros. Vêm brancos de poeira, extenuados. A um deles:

Dize depressa: Vêm já perto?... Viste-os?...

UM DOS CAVALEIROS

Meu senhor, vimos. Álvaro Gonçalves e Pero Coelho vêm já perto. Breve os tereis...

PEDRO (*interrompendo*)

E Diogo Lopes?

O OUTRO CAVALEIRO

Esse não, meu senhor. Pôde escapar-se.

PEDRO

Escapou-se?!... Como?... Ralé, ralé maldita!... Pelas veias de Inês!...
Hão de pagá-lo.

PRIMEIRO CAVALEIRO

Deixai, meu senhor, que vo-lo diga.

PEDRO

Não se achavam os três na mesma vila? Uma traça tão certa...
Como? Como?

PRIMEIRO CAVALEIRO

Diogo Lopes, meu senhor, tinha ido à caça. Partira de manhã, de
manhã cedo. Logo que o souberam, houve ordem de cerrar as portas
todas, para que ninguém saísse a preveni-lo. Esperava assim tomá-
lo à vinda. *(Fora, um tropel. Afonso vai à janela: espreita)* Mas um pobre
manco a quem Diogo Lopes dava esmola, e mesmo de comer em sua
casa, avisou-o no caminho, meu senhor, e ajudou-o a fugir.

(Pedro que ouve o ruído neste instante, interrompe-o com um gesto)

PEDRO *(a Afonso debruçado)*

Afonso...

AFONSO *(que se volta lívido)*

Chegaram, meu senhor.

PEDRO *(afetando serenidade, ao cavaleiro)*

Basta. Depois me dirás o resto. Deus me dará, para tratar desse, vida
e tempo. Ide, ide descansar: precisais bem. *(Os cavaleiros saem)* E tu
Afonso, vai dizer-lhes que os espero, que velei toda a noite em
honra deles...

(Afonso olha-o com terror como implorando)

PEDRO

Dize também que venham sem algemas. Para poderem falar, para terem gestos... Vai, Afonso: quando queiram...

(Afonso sai. Os tocheiros bruxuleiam fumacentos. Há uma claridade dúbia que preguiça. Um murmurinho de vento acorda os choupos. Ouve-se um galo cantar. Pedro estremece)

AFONSO *(à porta)*

Quereis que entrem os guardas, meu senhor?

PEDRO *(todo o corpo em contratura)*

Que fiquem à porta. Só eles, Afonso. Como amigos...

(Entram a um gesto de Afonso, Álvaro Gonçalves e Pero Coelho. Trazem as mãos anquilosadas e feridas, mas apesar das manchas, da fadiga, conservam – Pero Coelho sobretudo – uma expressão de nobreza, um grande ar calmo)

PEDRO *(a Afonso, com a mesma paz contraturada)*

Manda chamar Tristão, o meu carrasco.

(Afonso sai)

PEDRO *(olhando-os demoradamente)*

Bem-vindos... bem-vindos... Dizei: achais-me estranho... um pouco?... Pensáveis: vai cair sobre nós como um falcão. E aqui me tendes, todo cortesia... Enganastes-vos, bem vedes: enganaste-vos... Foi uma escolta de honra a que vos trouxe. E eu digo-vos: – Bem-vindos... sois bem-vindos... Estais ao menos de bem comigo, – espero?...

PÊRO COELHO *(fitando-o)*

Melhor, senhor Estamos de bem conosco.

PEDRO

Tu falas por os dois, eh, Pero Coelho!?... *(A Álvaro Gonçalves)* E tu? Pensas também assim?...

ÁLVARO GONÇALVES (*com menos firmeza*)

Também, meu senhor. Como ele em tudo.

PEDRO (*a Pero coelho*)

Tinhas procuração, compreendo agora. Basta-me pois falar a um de vós; fico logo sabendo o que o outro pensa. Para me poupar trabalho, eu adivinho. Vereis como vos estou agradecido... Bem. Conversemos... São negócios de Estado os que tratamos. Porque, não é verdade? – Não sois dois assassinos... Éreis os conselheiros de meu pai... os amigos fiéis de El-Rei meu pai...

PÊRO COELHO

Sim, meu senhor. O mesmo a quem jurastes perdoar-nos...

PEDRO (*com uma lentidão sardônica*)

Tínheis lá que perdoar!... Não, não... Sou eu que vos defendo de vós mesmos. (*A Afonso que entra*) Então, Afonso?...

AFONSO

Já foram despertá-lo, meu senhor.

PEDRO (*no mesmo tom, a Pero Coelho*)

Sim... Que tínheis vós que perdoar?... Não vos calunieis. Não, não consinto. Só isso me agastaria: nada mais. Sois dois grandes... dois nobres portugueses. Contai-me, ou antes tu, Pero Coelho, vais contar-me como viestes, por amor ao reino, com meu pai... (*Para. Não pode falar: os beijos tremem-lhe*) Porque foi, não é verdade? – para salvar o reino, de Castela...

PÊRO COELHO

Assim o cremos então, e o cremos hoje.

PEDRO

Bem. Conta pois. Eu vou ouvir-te. Nunca um sarau de corte assim me viu. Vou ouvir com devoção, com beatitude. Como ouviria os

rouxinóis de Coimbra... (*Senta-se no escano*) Conta, conta. A traça, já se vê, foi de meu pai...

PÊRO COELHO

Ele pensara-a sem se atrever a dar corpo ao pensamento. Era vosso pai, senhor.

PEDRO

Pai magnânimo!...

PÊRO COELHO

Mais ainda, meu senhor. Um grande rei.

PEDRO

Não é a crônica dele que eu te peço. Dizias então que ele pensara...

PÊRO COELHO

...mas que lutou consigo mesmo muito tempo.

PEDRO

Foi só depois de vos ouvir...

PÊRO COELHO

Por muitas vezes, meu senhor, por muitas.

PEDRO

Até que veio o instante...

PÊRO COELHO

Até que veio o instante em que o amor ao reino em perigo foi maior que o amor que ele vos tinha.

PEDRO (*rindo*)

O amor que ele me tinha!... Continua. E era bem cogitado, bem pensado. (*Ri de novo*) Foi o que sucedeu... Perdi o reino...

PÊRO COELHO

Não meu senhor, mas D. Inês é morta. Isso vos permitiu serdes bom rei.

PEDRO

Enterrou-se com ela o meu desvairo. E um cadáver que me escora o trono. Não te interrogo mais. Vá. Continua.

PÊRO COELHO

Amai-la mais ainda, meu senhor. Vós tendes a saudade e o reino a vida. É convosco e com Deus. Não é comigo.

PEDRO

Não sou ingrato, Pero Coelho. Tu verás... Fico quedo a ouvir-te. Dize... dize...

PÊRO COELHO

O que eu posso dizer, vós o sabeis.

PEDRO (*com uma bonomia sarcástica*)

Estás cansado, bem vejo. Um pouco mais, um pouco mais ainda... Tem paciência. Então... Então... Faze um esforço...

PÊRO COELHO

Pois seja assim. Sois vós que o ordenais. Tudo se decidiu na mesma hora em que El-Rei vosso pai teve por certo que à vossa roda os Castros conspiravam. Era junto de vós, na vossa sombra, numa segunda corte de estrangeiros que vivia a adular-vos e a trair-vos.

PEDRO (*rindo*)

Oh! Oh!... Pobre criança tonta que eu fui sempre!... Mas dize: eu não falei... eu só escuto...

PÊRO COELHO

O amor tem luz de mais para poder ver. Vós não podíeis ver. (*Fixando-o*) Nem mesmo agora. (*Outro tom*) Urgia conjurar o grande perigo, cortar o mal bem cerce, de raiz. Já em Castela, de acordo com os de cá que vos cercavam, se formara um partido, se minava.

Separar-vos dela, era impossível. Vosso pai desesperava, não sabia... Tudo fora tentado: tudo em vão. Uma tentativa de expulsão fora frustrada; e a clausura no convento, em Santa Clara, vós sabeis, meu senhor, o que ela foi... Tínheis ao pé de Coimbra os vossos Paços...

PEDRO (*interrompendo*)

Foi quando tu... Não foste tu?... Suponho...

PÊRO COELHO

Foi quando nos olhamos sem falar, e como a pedra cai num poço em noite, a decisão suprema entrou em nós. Tudo se concertou em pouco tempo. De então para cá, revivi tanto esses instantes, que os esfiei dentro de mim em séculos... Era no Outono como agora. Vós lembrais-vos. Sabíamos que iríeis a montar, e partimos, noite cerrada, para perto. El-Rei vosso pai, meu senhor, fazia dó. Tinha medo das sombras e do vento, até mesmo das folhas que pisava. Ele que no Salado era de ferro, por duas ou três vezes quis voltar. Eu caminhava a seu lado: ouvia-lhe os soluços muitas vezes. Era o dever, o seu dever de rei, que o levava arrastos pela noite...

PEDRO (*num tom de pedra*)

Era o dever...

PÊRO COELHO

Ele, o grande rei, pisava os córregos a tropeçar na sua espada... Caminhamos sem palavras, muito tempo. Nunca vi tanta paz por esses campos. A noite calara-se a espiar-nos. Tinha olhos para nós a sombra. Por fim, chegamos. Os Paços, no aconchego de pomar, dormiam como tudo à nossa roda. Ouvíamos a fonte do jardim... De quando em quando, um ou outro fruto que caia... Quedamos assim por muito tempo. Eu pensava nos pobres, que dormem muita vez a ouvir as fontes... E tinha-lhes inveja: podeis crer... Assim passaram horas, não sei quantas... Instantes houve, em que esquecemos tudo a ouvir a fonte, e olhávamos os Paços sem sentido, sem saber para quê, porque ali estávamos... Nenhum de nós falou todo esse tempo. O olival em que nos acoitamos, começou a bulir, a despertar... Mais tempo... A manhã tinha de vir: e veio!... Daí a pouco, os vossos cães

latiram. Soou então uma trompa de monteiro, mas baixo, como quem chamasse a medo. Houve um rumor de porta sob o alpendre... Éreis vós, meu senhor, que íeis montar... (*Pedro ergueu-se. Fica empedrado em frente dele, a ouvi-lo*) Vi então claramente o vosso vulto. Já a manhã subia. Como agora. (*Olhando em torno*) Era uma luz assim... era esta luz... Depois Ela... Foi para vós: beijou-vos: não sei o que vos disse... e ouvi-vos rir... Oh! O vosso rir, o vosso rir na inocência da manhã!... Ríeis como o sol na minha espada. Descestes. Ela seguia-vos com os olhos, debruçada. De novo a trompa... Disse que partíeis... Só três moços de monte iam convosco. Ela tinha as mãos por sobre os olhos, acenou-vos um adeus de lento, e por um gesto triste que não teve, compreendi que deixara de vos ver... Chamei por vosso pai. Disse-lhe baixo: – E a hora, meu senhor. Ele hesitava, branco, cor de cera, encostado a um tronco de oliveira, que era mesmo da cor das suas cãs... Um raio de sol bateu-lhe então na espada, e começou a caminhar atrás de nós. Demos a volta ao muro do pomar, e eu empurrei a porta – a porta que vós, meu senhor, tínheis deixado entreaberta... Dois escudeiros que nos viram, reconheceram o vosso pai, fugiram. Ela estava ainda sob o alpendre, e olhava do lado do Mondego. Voltou-se então: decerto ouvira os passos... e toda a face lhe embranqueceu de tal maneira, que para que eu não quedasse de piedade, foi mister, meu senhor, lembrar-me de que amava a minha terra... como ela vos amava... ou vós a ela...

(Pedro ri lividamente, cor de terra)

PÊRO COELHO

Vi que queria gritar, mas que não pôde. Ainda olhou num instinto de defesa, para o lado por onde vos sumistes... Quando subi a escada, vi-a abalar com gestos de agonia, para a alcova de vossos filhos, creio eu, porque os ouvi, logo a seguir, gritar. Estaquei então: nem via a câmara... Os outros, vosso pai, atrás de mim, estacaram também, como vazios... Nem eu sei quanto tempo. Não me lembro... Mas ela veio, e fiquei paralítico de assombro. Nunca vi nada assim, ninguém tão branco... Branca... branca... como o espectro de uma rosa branca, como um rosto de morta na memória, como uma lua de

gelo num crepúsculo... Decerto ficou menos branca quando morta. Parecia que um vento de terror a enovelava, assim, movendo os braços como asas, com três vidas pequeninas a cercá-la, meio tontas de sono, amedrontadas... E cravara em vosso pai os olhos!... Bebiam-lhe a vontade, eu bem sentia. Ele tapara os olhos com a mão, para não ver os dela nem os netos; e com uma voz tão branca como o rosto, ela disse ao Infante D. Dinis: – Olha o avô!... – E sem palavras, vosso pai recuou, desapareceu, velho de mais, cem anos, como em derrota, trôpego, perdido... *(Pausa)* Eu desnudei então a minha espada. Avancei para ela. Nem fugiu. Estava sem alma já. Estava convosco. *(Ouvem-se trompas de monteiros fora)* Depois... não sei... Fez-se uma névoa em mim. Lembro-me que a vi cair ensanguentada, e que ouvi, gelado de estupor, a vossa trompa de caça muito ao longe, num halali que me soou em dobre...

(Pela esquerda, em trajés de montar entra gente da corte: queda a olhá-los. Pedro fixa-os sem os ver, como não compreendendo a que eles vêm. De novo as trompas soam no terreno. Ouve-se latir os cães, impacientes)

PEDRO

Ah! Ah! A montaria!... Não saímos a montar. Não foi preciso. Depois o sabereis. Houve um milagre... *(A Pero Coelho)* Acaba. Estou a ouvir-te. *(Vendo-o hesitante)* Tinhas salvado o reino... Ela caíra...

PÊRO COELHO

Nada mais. Ah! Uma coisa ainda... Senti uma dor na mão que tinha a espada. Fora o Infante D. Dinis que me mordera. Lembrei-me dos meus filhos. Pobre Infante!... Tive vontade de chorar e de beijá-lo.

(Pedro arranca o azorrague bruscamente. Chicoteia-o na cara, como doido)

PÊRO COELHO *(ensandecido pela dor, mais perto dele)*

Continua, covarde!... E o teu Salado... Da coroa de teu pai resta um chicote. Anda!... Té que a boca te espume de luxúria... *(Para um segundo)* Quem o serviu como eu, vê-te com asco. Vá!... Continua... Nem sei que és mais: farsante ou carniceiro...

PEDRO (*como um possesso, em gritos de delírio*)

O uchão!... Ide chamar-me o uchão!... Vinagre e azeite já para este coelho! (*O carrasco, vestido de escarlate, surge à porta. Pedro aponta-lho*) Ei-lo – o teu cozinheiro!... E cor de sangue. O teu não lhe põe nódoa. Vai em paz. (*Ao carrasco que avança*) Aqui os tens, Tristão, miramos bem... (*Num rir convulso*) Com molho de vilão... Vianda rica... E montaria feita pela noite!... (*Entra uma luz como de prata fluida. Pedro recua um pouco, estonteado. A Pero Coelho*) Nem sei que me pareces na luz de alva!... Nunca vi gamo assim. E maravilha. Que dizes tu, Tristão? Gamo ou javardo!... Sai, sai. Fica Tristão comigo. É o milagre maior de Santo Humberto...

(*Os outros saem. Os guardas vêm à porta neste instante*)

ATO II

O claustro do convento de Santa Clara em Coimbra. Abóbadas laçadas, paredes revestidas de azulejos: o chão de grandes lajes tumulares. Num plano mais alto, ao centro, um jardimzinho interior com uma fonte. Ao fundo e à direita, dando para o exterior, uma porta almofadada. Não se vê os ângulos do claustro: os corredores perdem-se na cena. E um entardecer de Outono. Os últimos planos estão já numa penumbra de ouro frio. Quando o pano sobe, vê-se uma freira regando. Entra pela esquerda outra ainda nova, queda a olhá-la.

A FREIRA (*chamando*)

Irmã Celeste.

PRIMEIRA FREIRA (*voltando-se*)

Ah! Sois vós, Irmã Maria dos Anjos. Estou a acabar a rega. É um instantinho.

SEGUNDA FREIRA

Não vos apresseis: regai, regai. Venho conversar convosco. Este é o lugar de que eu mais gosto no convento. Já hoje, depois de rezar matinas, vim para aqui bordar e ouvir a fonte. Mas bordei pouco.

PRIMEIRA FREIRA

Preguiçosa! (*Outro tom*) Choveu de madrugada. Têm pouca sede as nossas flores.

SEGUNDA FREIRA

Choveu. Eu estive aqui até às últimas beiras. Cheirava a terra. Era bom.

PRIMEIRA FREIRA (*ao pé da fonte, pousando o regador*)

Vou já ter convosco.

(*Vem pela aleazinha ao centro: desce dois degraus*)

PRIMEIRA FREIRA

Aqui me tendes.

SEGUNDA FREIRA (*indo-lhe ao encontro*)

Sabeis o que eu estava a ouvir? Adivinhai.

PRIMEIRA FREIRA (*fica um instante à escuta*)

Sim, sim, também os ouço. Os passarinhos na cerca. E a hora deles. (*Sorri*) Lá vai cada um para a sua cela.

SEGUNDA FREIRA

Mais felizes que nós.

PRIMEIRA FREIRA

Oh! Que pecado, minha Irmã. E entras de serviço ao altar da Senhora!... Amanhã, sabeis? Entramos ambas.

SEGUNDA FREIRA

Não sabia ainda. Estou contente. Foi a nossa Madre-Abadessa que vos disse?

PRIMEIRA FREIRA

A mim, não: à Irmã porteira, que há pouco veio aqui para me dizer.
Ela sabe que somos muito amigas.

(Pausa)

SEGUNDA FREIRA

Dantes a vossa companheira era a Irmã Branca.

PRIMEIRA FREIRA *(comovida)*

Minha pobre Irmãzinha! Está com Deus.

SEGUNDA FREIRA

Ela era o *ai-jesus* de todas nós, mas éreis vós a sua predileta. Nos últimos meses, pobrezinha! andava estranha, já não era a mesma. Que tinha ela? Só vós deveis saber o que ela tinha.

PRIMEIRA FREIRA *(alheada)*

Estou sempre à espera dela. Ainda não posso acreditar que ela morreu...

SEGUNDA FREIRA

A estas horas – lembrai-vos? – ninguém a via.

PRIMEIRA FREIRA

Se me lembro!... Ia dizer adeus ao sol, da cela da Irmã Teresa que é a mais alta.

SEGUNDA FREIRA

É ao pé da torre.

PRIMEIRA FREIRA

Por este tempo e no Inverno, tocava a véspera e ela ainda lá em cima.

SEGUNDA FREIRA

Depois, no coro, mal podia cantar. Chegava sempre a correr, sem poder mais.

PRIMEIRA FREIRA

Mas com os olhos cheios de sol...

SEGUNDA FREIRA

E o mal que lhe fazia! Eu quando a via assim, tremia toda. Cada dia mais pálida, de cera.

PRIMEIRA FREIRA

Era da cor dos lírios quando morrem. Era um corpo de luz dentro do hábito... Pobre Irmãzinha! O seu mal ninguém o soube. Era um esperecer, um ir-se embora... Sabeis, a noite em que passou, velei-a eu.

SEGUNDA FREIRA

Eu sei, eu sei. Ninguém lhe queria tanto como vós.

PRIMEIRA FREIRA

O que ela amava o sol! Era quase um pecado. (*Mais baixo*) Quereis ouvir? Na última semana, já não podia andar, ia a arrastar-se. E tentou por duas vezes ir à torre. Da última, fui dar com ela de braços a chorar. Parecia uma corcinha moribunda. Disse-me assim, com um grande esforço: "Vai tu, vai tu. Fita-o bem firme, fecha-o nas pálpebras e corre, corre muito, para eu o ver ainda nos teus olhos." Foi daí por dois dias que morreu. Como eu me lembro! Parece que foi hoje. (*Pausa*) Depois do coro, fomos todas vê-la. Ela já mal falava, sempre a arfar... Respirar, não podia: era um castigo. E sorria como eu nunca vi sorrir. Que sorriso aquele! Era um perfume. O sorriso dela era um olhar... Ninguém falava. Só a Abadessa disse com doçura: "Confia no Senhor como eu confio." Cada uma de nós lhe decorava as feições com os olhos rasos, para a lembrar a Deus nas suas rezas. Mas ela disse: "Sinto-me hoje melhor, muito melhor"; e pediu que se fossem, que só eu a velasse; e a Abadessa que lhe queria muito, beijou-lhe por piedade as mãos de círio, e foi-se com as outras a chorar. Quando todas saíram, vi-a sorrir como

uma rosa branca: “Estou tão contente! Ainda bem que morro ao pé de ti.” Eu bem queria iludi-la, mas não pude: pus-me a beijar-lhe as mãos e a chorar. (*Pausa*) Vi fugir entre os seus dedos, toda a noite. De longe a longe, olhava-a. Parecia à escuta, tinha o ar de dizer: “Ela não tarda. Vais ouvi-la...” Que devagar Deus levou aquela Flor! De tanto a olhar já mal a via. Os seus olhos – tão verdes! – eram cor do mar que eu nunca vi. E ainda me falou, ainda me disse: “Olha para o sol como as outras, minha Irmã. Nunca subas à torre para o ver. Ver o sol duma cela, é acordar na cova e ouvir passos... Promete-me que não olhas mais para o sol. Se não, perdes-te...” Depois, seguindo o seu olhar que era uma névoa, olhei pela janela para a cerca. Era já manhãzinha. Via-se o cedro grande mesmo em frente. Dei-lhe um beijo nos olhos – um adeus... Como se fosse já fugindo, ouvi-a suspirar ao meu ouvido: “Não posso mais... Preciso morrer, bem vêes... E se o sol vem, não posso... é-me impossível...” Fui em bicos de pés até às grades, fechei devagarinho as gelosias, e voltei logo no escuro para ao pé dela. Chamei-a: Irmã! Minha Irmãzinha! Respirei-a, palpei-lhe as mãos: – frias de neve: ainda a beijei outra vez... e outra ainda. Já não estava ao pé de mim... Tinha passado. Ajoelhei aos seus pés para rezar, mas não tinha voz não sei que tinha: esqueceram-me as palavras de repente... Quis chamar: não podia... Foi então que tive medo, um medo horrível... Fiquei assim, como uma coisa, muito tempo. Parecia-me – que doidice! – que a Morte escalara os muros do convento, e que matara tudo: as flores da cerca, toda a comunidade... e só ficara a viver a minha morta!... (*Pausa*) Levaram-me para a cela a arder em febre. Lembrai-vos? Fiquei assim três dias.

SEGUNDA FREIRA

Bem me lembro.

PRIMEIRA FREIRA (*olhando em torno*)

Ela era como vós: gostava muito também de vir para aqui. E contava-me a história destes túmulos: sabia a vida das mortas que aqui dormem. A última que me contou, foi a da Madre-Abadessa Violante, que ainda não há trinta anos que morreu. A Irmã porteira professou com ela. Vós decerto a sabeis.

SEGUNDA FREIRA

Gosto sempre de ouvir: dizei, dizei.

PRIMEIRA FREIRA

Eu nem sei bem. Só sei que uma noite, a ouvir os rouxinóis, perdeu o siso. Na Primavera, quedava a ouvi-los na cerca, de mãos postas. Viveu assim cinco anos, cuidou eu. O senhor Bispo soube; mas não lhe quis pôr interdição. Para evitar devassas e rumores... Depois, para quê?... Como Madre-Abadessa, ela era a mesma. Nada de desassisado lhe notavam. Cumpria os seus deveres com perfeição. E humilde como a erva. Beijava o pão que comia: era uma santa. Só às vezes, cantarolava pela cerca esta cantiga:

Sabedoria,
sabedoria
sabedoria
de rouxinol:
cantar à noite,
dormir de dia,
fugir ao sol.

Dizem que era muito alegre. (*Aponta um túmulo*) É ali que dorme. (*Aproximaram-se da laje. Ficaram instantes a olhá-la*) Quando a enterraram – era à boca da noite – veio da cerca um rouxinol e cantou toda a noite nesta pedra.

SEGUNDA FREIRA

Sim, sim, já me contaram. A Irmã Clotilde ainda se lembra. Toda a comunidade veio ouvi-lo. Primeiro a medo, em bicos de pés, para o não fazer fugir. Depois, maravilhadas, junto dele.

PRIMEIRA FREIRA

E não fugiu. Cantou, cantou, cantou... Até ao nascer do sol, não foi?

SEGUNDA FREIRA

Até ao nascer do sol, Irmã Celeste.

PRIMEIRA FREIRA

Porque seria que fugiu quando o sol veio?

SEGUNDA FREIRA

Porque sabia que o sol canta melhor que os rouxinóis. *(Pausa)* Não achais?!...

PRIMEIRA FREIRA

Sim... sim... Decerto.

(No primeiro plano e ao fundo, passam freiras)

UMA FREIRA *(andando)*

Está quase a dar a hora de vésperas. Não vindes?...

SEGUNDA FREIRA

Já, vamos já. *(À primeira)* Amanhã voltaremos.

PRIMEIRA FREIRA

Podemos voltar hoje, se quiserdes. Depois do coro...

SEGUNDA FREIRA

Hoje não. Ainda é dia, e já aqui começa a fazer noite. Tenho medo dos morcegos. Ontem, um bateu-me na testa com as asas. Tive um susto!... *(Apontando à direita)* Foi ali.

PRIMEIRA FREIRA

Ao pé do túmulo de Inês de Castro.

(Ouve-se tocar a vésperas. Passam freiras para o coral. As duas seguem-nas. Instantes depois, o clavicórdio acorda)

O CORO *(dentro)*

Beati o omnes qui timent Dominum, qui ambulant in viis eius. Labores manuum tuarum quia manducabis: beatus es, et bene tibi erit.

(Batem à porta com violência. Entra pela direita a Irmã porteira. Dirige-se para o fundo. Batem de novo O coro continua a ouvir-se)

A IRMÃ PORTEIRA *(ao fundo)*

Já deu a hora de vésperas. Não conheceis a regra? Ninguém entra.

UMA VOZ FORA

É o senhor Bispo de Coimbra que me manda. Trago um recado e um carta para a Abadessa. Abri, abri depressa que é urgente.

A IRMÃ PORTEIRA

O senhor Bispo!?... a esta hora... É impossível. Toda a comunidade está no coro. Deveis ouvir aí. Não posso abrir. Depois toca o silêncio. Ninguém entra.

A VOZ

É em nome de El-Rei: é El-Rei que manda. *(Quase gritando)* Dizei à Madre-Abadessa. Abri, abri. *(Batem de novo)*.

(O coro interrompe-se bruscamente. Entra a Abadessa; algumas freiras seguem-na)

A IRMÃ PORTEIRA

Diz que é o senhor Bispo que o manda: traz um recado e uma carta para vós.

A VOZ

É em nome de El-Rei: venho do Paço. Foi El-Rei que ordenou ao senhor Bispo. Obedecei a El-Rei: abri, abri.

A ABADESSA

Mas quem sois vós?

A VOZ

Um escudeiro de El-Rei. Abri depressa. Ou preferis que El-Rei vos force as portas?

A ABADESSA

El-Rei forçar as portas do convento!?!...

A VOZ

Sim, vem já aí – com toda a corte. Vem o senhor Bispo de Coimbra e o da Guarda. Por Deus vos juro: se não abris, tendes que arrepender-vos.

A ABADESSA

Nem sei... nem sei que hei de fazer. É contra a regra, é quase um sacrilégio; mas são ordens de El-Rei, do senhor Bispo. *(A uma freira velha que a acompanha)* Dai-me o vosso conselho, minha Irmã. Que devo eu fazer? Que pensais vós?

A FREIRA

Eu penso, Madre, que deveis obediência ao senhor Bispo. Culpa, se culpa houver, não será vossa.

A ABADESSA

Tendes razão... Decerto... Mas nem sequer suspeito o que será. Que pode ser, meu Deus? *(À Irmã porteira)* Abri então, abri. Que Deus nos valha!

(A Irmã porteira vai abrir. Outras freiras acorrem, vêm a medo: quedam impacientes por ouvir)

A IRMÃ PORTEIRA *(abrindo)*

Podeis entrar. A nossa Madre-Abadessa consentiu.

(Entra açodadamente um escudeiro. Vê-se que fora é ainda dia claro)

O ESCUDEIRO

Aconselhou-a Deus. Onde está ela?

A IRMÃ PORTEIRA *(fechando)*

Aqui mesmo no claustro – à vossa espera. (*Guiando-o através do jardimzinho*) Por o caminho mais curto... Vinde, vinde. (*Indicando a Abadessa*) A nossa Madre-Abadessa.

A ABADESSA

Deve ser muito grave o que vos traz. Sois escudeiro de El-Rei? Que quereis de nós? Falais da vinda dele a este convento...

O ESCUDEIRO

Daqui por uma hora, talvez antes. Fazei-me a graça. Lede a carta que vos manda o senhor Bispo.

(*Entrega-lha*)

A ABADESSA (*passando-a vivamente pelos olhos*)

Oh! Meu Deus... então é certo... é certo... Para a trasladação de Inês de Castro. Vão levá-la daqui para Alcobaça. Vem El-Rei e a corte... dentro em pouco... E hoje mesmo, sim, vem às Trindades. (*Lendo alto*) “Assim, logo depois da execução, o decidiu El-Rei.” (*Com espanto*) Depois da execução!?!... (*Ao escudeiro*) Mas de que execução?...

O ESCUDEIRO

De dois dos matadores de D. Inês. Diogo Coelho escapou, pôde salvar-se.

A ABADESSA

Mas El-Rei jurou, jurou perdoar-lhes. (*Vendo que o escudeiro não responde*) E ninguém suspeitava? Nem a corte?...

O ESCUDEIRO

Boquejava-se a medo, sem certeza. Só quando nos erguemos para montar, vimos os matadores com El-Rei. Tinham chegado, sob escolta, ainda antes de alva. El-Rei velara com Afonso Madeira à espera deles. Depois fechou-se na câmara com Tristão. Sabeis?... Tristão...

A ABADESSA

Sim, o carrasco.

O ESCUDEIRO

Esteve a sós com ele muito tempo: a concertar a execução, decerto. Os que estavam a pé para montar, quedaram no terreiro em conjecturas; as donas mesmo, como se um mau agouro as sacudisse, erguem-se mais cedo, adivinhavam... As insônias de El-Rei, que nos últimos tempos são maiores, as noites de folgança, as montarias, têm trazido a corte estremunhada. Havia um não sei quê que nos transia. Soubemos às dez horas, que a execução seria no terreiro. A essa hora começaram os pregões pela cidade: “Justiça que manda fazer El-Rei D. Pedro...”

A ABADESSA

Nada se soube aqui. Ninguém ouviu.

O ESCUDEIRO

El-Rei mandou pôr mesas no terreiro. Ele mesmo assistiu, veio dar ordens. Marcou no chão com o cabo do chicote, o lugar da execução e da fogueira. Em frente à mesa dele, muito perto... E ia das cozinhas ao terreiro, falando pouco, mas atento a tudo. Às vezes ficava a olhar, deserto de alma, mas logo vinha de novo ter conosco. Viu empilhar a lenha: mandou vir mais, não lhe pareceu bem seca. Quis saber o que havia de comer, e ordenou mais viandas, tudo a rodos. Quando os bobos desceram, de aljubas escarlates, guizalhando, El-Rei fez sinal a um dos pajens e uma tuba soou chamando a corte.

A ABADESSA

O senhor Bispo estava?

O ESCUDEIRO

Estavam ambos, o Bispo de Coimbra e o da Guarda.

A ABADESSA

Dizei, dizei. Contai o resto.

O ESCUDEIRO

É tarde. Já não posso contar-vos tudo a eito. Só direi o que importa, o grande horror, o que, cem anos que eu viva, há de viver dentro de mim em sangue e lume. (*Pausa*) Esperávamos todos, – a corte e povo. A corte dir-se-ia que fora condenada; e vestida de gala, – El-Rei o quis – tinha um ar de espanto, um ar funéreo. Quando El-Rei os olhava, os bobos guizalhavam, guizalhavam, com caras de remorso e de terror. Duma vez El-Rei disse: – “Ouves os sinos, Pero Coelho? São os meus cinco bobos os sineiros. Ouves os dobres? São por ti; por tua alma... Depois *requiem* de corpos e pitança!...” E Pero Coelho olhando-o em face, disse: – “Ressuscitasse ela com mil vidas, que por amor deste ar e desta terra, havia de tirar-lhas uma a uma!...” Naquele instante, garrotado por cordas, semi-nu, tinha mais olhos de rei do que El-Rei mesmo. Ao ver tanta coragem, o ódio de El-Rei meu senhor, ensandeceu-o. Açulava Tristão como um mastim. “Eh! Eh! Carrasco!... Arranca... arranca, ou vou eu mesmo... Corta... Corta...” Nem eu posso contar-vos... Tremo ainda. Tristão partia-lhe as costelas uma a uma... Só se ouvia aquilo no terreiro. Um som... assim... como de galhos secos que alguém quebra... Pero Coelho então gritou-lhe ainda: – “E o coração que queres!? Procura-o bem, que é um coração leal como um cavalo e forte como um touro...” Todos estavam varados de terror. Tristão por fim meteu-lhe a mão no peito... Tinha a faca na outra... ainda cortou... E todos vimos, mudos como pedras, o coração jorrando sangue quente. Ofereceu-o a El-Rei, ajoelhado. E El-Rei meu senhor, ante nós todos, por duas vezes o mordeu...

AS FREIRAS

Oh!...

O ESCUDEIRO

...cravou-lhe duas vezes os dentes de lobo, muito brancos...

A ABADESSA

Meu Deus!... E ninguém disse nada? O senhor Bispo?...

O ESCUDEIRO

Ninguém... ninguém... Quem ousaria? Só se ouvia o vento no olival. Depois, durante a outra execução, comeu sem olhar nunca, comeu sempre. Álvaro Gonçalves, sem acordo, foi executado como um morto. Nem tugiou. Puseram então os corpos sobre a lenha, e as mãos vermelhas de Tristão lá a acenderam. Foi nesse instante, que El-Rei se levantou para ver de perto. O fogo pegou mal, demorou muito. El-Rei impacientava-se: os carrascos tremiam como vimes. Tristão olhava-lhe o chicote como um cão. Mas nisto ouviu-se a lenha crepitar. Houve mais vento. E El-Rei pôde sorrir às labaredas. Chegou-se tanto, que lhe caíam faúlhas no cabelo. Nem sei dizer quanto tempo esteve assim. Em todo o terreiro, no ar doirado, só se ouvia a carne a rechinar. Depois voltou-se, e os que estavam perto, ouviram-no dizer: – “Aleluia!”, com uma voz de quem reza, os olhos doces. Acenou a Afonso, e todos compreendemos que partia. Tinha ainda a face e a barba ensanguentada. Afonso, num momento, rasgou um pedaço da manga e alimpou-lha. Ele parecia não ver, cruzara os braços. Caminhava devagar, com grande calma. Ninguém buliu. Ficamos todos quedos. Os escanções, brancos como mortos, debalde enchiam os pichéis. Ninguém bebia. Chegou então Martim, o bobo moço, que havia dias já que ninguém vira. Quere-lhe muito El-Rei: todos o sabem. Branco como um lençol, de aljuba preta em que tinha o guizo, pôs-se a correr à roda da fogueira, e a fazer de corvo, a crocitar. Corria tanto, que parecia que entrava pelas chamas. Às vezes gritava: – “Eh! Eh! Canalha!... Corvo real sou eu. E tudo meu.” – E com os punhos cerrados, falava a corvos que só ele via... “É tudo meu. É tudo meu.” Atirava-lhes pedras: uma e outra... Todos o olhavam, mas ninguém se ria. Foram dois pajens buscá-lo: mudou logo. Veio encostado a eles, muito dócil. Parecia meio-morto de fadiga. Deitaram-no no chão e lá ficou. Vieram então chamar-me: nem sei quem. Fui à sala do trono onde El-Rei estava. Junto dele, vi Afonso Madeira, o senhor Bispo, mais dois ou três... Olhei-o com espanto: era já outro... Tinha um olhar que trespassava a gente... e que ia muito longe... Deus sabe onde!... E um ar de mistério, quase humilde. Ia jurar que tudo lhe esquecera. O senhor Bispo então deu-me essa carta, e cá vim ter convosco. Agora vou-me. Nem tempo tendes já para rezar vésperas.

A ABADESSA

Ainda um instante. Dizei. E nada mais sabeis?

O ESCUDEIRO

Nada mais sei, podeis acreditar. Só sei que não vão carpideiras no saimento.

A ABADESSA

Por quê? É tão estranho tudo...

O ESCUDEIRO

Quando lhe perguntaram, El-Rei disse: – “Tomara eu que o vento se calasse.”

A ABADESSA

É estranho... é estranho...

O ESCUDEIRO (*despedindo-se*)

Estais prevenida, Madre. El-Rei não tarda.

A ABADESSA

Pois não o esperais, não assistis?

O ESCUDEIRO

Vou esperar o Infante D. João. Vem de jornada para o saimento. Ficai com Deus. El-Rei vem perto.

(*Sai. A Irmã porteira vai acompanhá-lo*)

A ABADESSA (*fitando a laje tumular de Inês*)

Nem sossegou na vida nem na morte.

A FREIRA VELHA

Se El-Rei não tarda, era melhor acender mais cedo as lâmpadas...

A ABADESSA

Sim, sim. Anoitecer muito cedo neste claustro. Não estou em mim.
Ide, ide acendê-las.

(Instantes depois, há uma lâmpada acesa em cada arcada)

UMA FREIRA

Não podemos rezar vésperas. Tremo toda...

A IRMÃ PORTEIRA *(ao fundo)*

Ouço um rumor. Creio que é ele. É El-Rei...

A ABADESSA

Já? Já?... Escutai bem.

(Freiras correm à porta. Põem-se à escuta)

VOZES DE FREIRAS

É certo, é certo. – E El-Rei que vem, e a corte... – Que devemos fazer?
Voltar ao coro? – Era melhor fecharmo-nos nas celas...

A ABADESSA

Ficam todas aqui, ao pé de mim. Para receber El-Rei e o senhor Bispo...

A IRMÃ PORTEIRA

Vêm a chegar. Já os ouço. Quereis que eu abra?

A ABADESSA

Abri.

(Imensamente pálida, dirige-se para o fundo. As outras seguem-na. Atravessam o jardim. Só se ouve a fonte. Pela porta aberta, entra um clarão de tarde. Pedro aparece. As freiras ajoelham. Atrás dele, entra de roldão gente da corte. Atulha o claustro, à toa.)

PEDRO *(à Abadessa)*

Erguei-vos, Madre. Não sou eu que vos venho perturbar. É a Saudade que me traz, é ela só. Estáveis em sossego... Mas ela veio: bateu-vos à porta, e entrou em lufada, um rei e uma corte. (*Quase gritando*) Madre! A minha saudade é uma hiena: vem desenterrar o meu amor... Onde está ele? (*Dominando-se*) Onde me espera a que será vossa Rainha!?

(*Pausa. A Abadessa, interdita, não responde*)

PEDRO (*tentando decifrar as lajes*)

Dizei-me: onde é que dorme o meu amor?...

A ABADESSA (*mostrando à direita o túmulo de Inês*)

Aqui, sob a paz de Deus.

PEDRO (*olhando a pedra em êxtase*)

A porta do meu Paço... Esta pedra para mim é transparente. O meu amor atravessa-a – como o vento o corpo vão das nuvens... (*Com exaltação*) Mas agora é a vossa vez, meus olhos. Ides ver a vossa dona, ver Inês. (*A Afonso*) Afonso! O coveiro chegou? Onde está ele?

AFONSO

Veio conosco, meu senhor. Está aqui.

(*O coveiro surge entre o Bispo e Afonso. E um aldeão seco e robusto. Traz para a sua faina, um alvião e uma enxada*)

PEDRO (*ao coveiro*)

Em que empregaste o teu dia?

O COVEIRO

A vindimar a minha leira, meu senhor.

PEDRO (*olhando-o atentamente*)

Porque corcovas tanto? Andas enfermo?

O COVEIRO

Nunca tive enfermidade, Deus Louvado. (*Mostrando o alvião*) É do ofício, meu senhor.

PEDRO

Da lavoura da Morte... Este claustro aqui, é a leira dela... E a Abadessa do convento cá de baixo. Se eu viesse muitas vezes a esta leira, decerto corcovava como tu; mas de olhar para o meu céu... (*Aponta o túmulo*) Está aqui fechado. (*Outro tom*) Hoje sou eu que faço o teu ofício. Serei eu o coveiro.

O COVEIRO

Vós, senhor!

PEDRO

Eu. (*Fixando-o*) Já enterraste algum parente, algum amigo?

O COVEIRO

Dois filhos pequeninos, meu senhor.

PEDRO

E que impressão sentiste – além da mágoa?

O COVEIRO

Meu senhor, nenhuma. A impressão de coisas frias... coisas tristes... de coisas a que não há nada que fazer...

PEDRO

A impressão de fim, de acabamento?

O COVEIRO

Sim, meu senhor.

(*Pausa*)

PEDRO

És coveiro há muito?

O COVEIRO

Há mais de quinze anos, meu senhor.

PEDRO (*aproximando-se mais dele*)

Há mais de quinze anos... Foste então tu que abriste aquela cova!... que enterraste o meu amor... a minha Inês?... Como estava a tua Rainha!?!... Branca, branca!?!... Ensanguentada?

O COVEIRO

Não reparei, senhor.

PEDRO (*com uma amargura sarcástica*)

É justo. Enterraste, sem o olhar, o meu destino. E eu sou teu rei... O que sei eu do teu!? E tu? Tu mesmo!?!... Que importa isto! O ofício é tudo. Eras bem doido, se uma morta te interessasse como um cacho. Não é comida de homens; – é de vermes. (*Outro tom*) Vens então da vindima!?!... Ainda bem... Pois foi também para vindimar que eu te chamei. Aqui, (*todo curvado sobre a laje*) aqui é a hora divina da colheita. Mal tu sabes!... Vais dar-me o fruto de Deus e da minha alma. (*A Afonso*) Manda vir archotes. Mal se vê.

O BISPO DE COIMBRA

Podiam vir brandões da igreja, meu senhor.

PEDRO

Seja o que for. Luz. (*Olhando a abóbada*) Estas lâmpadas não são para alumiar. São para guiar as corujas, para lhes dizer: bebei-me. (*Ao coveiro*) Dá-me essa pá.

(*O coveiro entrega-lhe*)

PEDRO

Como escurece cedo neste claustro! O Mondego lá fora arrasta luz. Inda há uma hora de sol por esses campos. (*Olhando o jardimzinho*) Têm pouca luz aquelas flores. São freiras-flores.

A ABADESSA

O jardim grande é na cerca, meu senhor. Não faltam flores nos altares. Há muitas rosas.

(Entram três freiras com brandões acesos)

PEDRO *(ao coveiro)*

Eh!... Toca a vindimar. Já temos luz.

(As três freiras, a alumiar; cercam o túmulo. A um gesto de Pedro, o coveiro curva-se, desenha no ar o retângulo da laje, finca o alvião na ranhura; e pouco a pouco, com vagar, com método, vai levantando-a lado a lado. Por fim passa o alvião na argola ao centro, contratura o torso brutalmente, e a laje resvala com um som frio. As mãos das freiras que alumiam, tremem)

PEDRO *(afastando o coveiro)*

É a minha vez agora, camarada. *(Tira a primeira pá de terra com cautela)* Costumam estar muito ao fundo?

O COVEIRO *(apoiado ao alvião, ainda ofegante)*

Três pés, meu senhor... As vezes mais.

(Pedro continuava a tirar a terra alguns segundos. Depois poussa a pá, ajoelha; e todo debruçado sobre a cova, enterra as mãos, enterra avidamente)

PEDRO

Oh! Oh!... Achei... achei... E aqui... és tu... é o teu caixão. Oh! Os meus dedos eram cegos; mas agora veem... veem-te – como os cegos, a tropeçar nas pedras, veem Deus...

O COVEIRO *(levantando a pá)*

Deixai, meu senhor. Agora é só cavar de roda. Ides já ver.

PEDRO *(com uma alegria alucinada)*

Não, não. Perdoa, camarada. Tu hoje és mestre. Eh! Eh!... O coveiro sou eu, sou teu discípulo. Deixa, deixa que eu cave... *(Estende as mãos)*

para a pá que ele lhe entrega. Sempre ajoelhado, cava de roda alguns instantes. Chamando) Inês!... Já me podes ouvir?... Inês!... Inês!...

(Para extenuada Pousa a pá: levanta-se, cai-lhe terra das vestes. Tem uma lividez terrosa, olhos sem foco)

PEDRO

Parece-me... parece, minha Inês, que despertei... Estava a teu lado... Tu – sempre dormindo. Ergui a pedra do outro Paço... do teu lar... E ainda com a terra da cova, ainda contigo... voltei a Portugal... do outro reino... *(Levanta uma mão cheia de terra: beija-a: fica a olhá-la)* A terra... a terra, a terra que te veste... a terra que fez noite nos teus olhos... e eu que vivia lá fiquei sem ver... A terra... a terra que fechou na tua boca – o segredo do amor para além da Morte... *(Beija-a de novo)* É terra santa. *(Beija-a ainda)* É terra pura. *(As freiras)* Guardai-a vós. Plantai-lhe lírios. *(Pulveriza-a nos dedos: deixa-a cair num gesto lento. Em voz mais baixa)* O nosso amor saía do desejo – como sai uma pérola do mar. Assim tu vais erguer-te, minha Inês...

(Ajoelha de novo: entra na cova, enterra os braços na terra alguns segundos; e devagar; devagar; levanta o caixão verticalmente. Quando o tem bem ao alto, as tábuas, podres, abrem-se; – e num silêncio de estupor; vê-se o cadáver esburgado: dir-se-iam que ele e Pedro se contemplam)

PEDRO *(como quem reza)*

Minha Inês!...

(Baixa o caixão, mas muito lentamente – como se ela dormisse, como se receasse despertá-la. Pousa-o por fim; e ajoelha na terra junto dele)

PEDRO

Inês!... O teu Pedro veio erguer-te: a vida é outra. O Destino já não tem a mesma rota... Como hei de eu viver agora, oh minha Inês!?... A vida toda desfolhou-se aos teus pés como uma flor... *(Debruçando-se mais sobre o cadáver)* Cheiras a podre... Saboreio o teu cheiro como um corvo... Melhor do que o das rosas que me deste... Nem o sumo dos pomares de Coimbra... nem o feno ceifado, ó meu amor... *(Com*

uma exaltação crescente) Ó minha Inês!... O teu Pedro das noites do Mondego, que te enlaçava a ouvir os rouxinóis, quem lhe diria – que ainda havia de ser o teu coveiro!... E um coveiro assim... (*Ergue-se: olha as mãos*) Com estas mãos que ainda têm manchas de sangue... E a boca... a boca ainda me sabe a sangue... sangue deles... (*Outra vez curvado sobre a morta*) Mas a minha alma fez-se toda branca... A tua pode vir... A minha é um berço... Há de embalar como um menino, a tua... como o céu embala o fim do dia. (*Para um instante*) Oh! Como a vida está toda suspensa!... O céu e a terra escutam-se, entenderam-se... Ouves!?!... São dois abismos a beijar-se...

(Faz-se um silêncio místico. Uma a uma, insensivelmente, as freiras ajoelham)

PEDRO (*os braços estendidos sobre a Morta*)

Rezai. Reza conosco a terra toda (*O vento inclina as chamas dos brandões*) Como as chamas se baixam para te ver!... As arcadas do claustro arqueiam mais... O granito – coitado! – sentindo que te cobre, quer ser céu... E há mais silêncio. Ouço as roseiras da cerca a desfolhar-se... Ouvi: ouvi... E a reza do espaço – este silêncio... E o sangue de Deus... Como ele corre!...

(Pausa. O relógio da terra dá seis horas. Ouve-se fora um rumor que logo calma. Pedro, como se despertasse, volta-se. Dá com os olhos em Afonso: o olhar deste indica-lhe dois pajens. Um, o mais novo, segura contra o peito, um manto real de terciopelo e ouro; o outro traz num almadraque, o cetro e a coroa. Pedro avança para ele. Transido de emoção, levanta a coroa)

PEDRO (*ajoelhando junto do cadáver; as mãos trêmulas estendidas, num gesto de coração religioso*)

Quisera ter mãos de sombra!... Devagarinho... devagarinho... Não vá eu magoar o teu cabelo... Estou certo que os vermes mesmo se arrastam no teu corpo com doçura... O pobrezinha! Quando a Morte te viu, chorou decerto... e os olhos de Deus ficaram rasos... Meu amor... Minha Inês... Ó meu amor!... (*As mãos tremem-lhe mais*) É impossível. Não posso. Tenho medo... (*À Abadessa*) Vós, Madre!

Coroai-a vós. As vossas mãos são familiares das coisas santas. (*Dá-lhe a coroa*) As minhas só empunham o chicote há muito tempo...

A ABADESSA (*coroando Inês*)
Assim... Vede, meu senhor.

PEDRO

Oh! Como os seus cabelos têm mais ouro, são cor dos giestais ao vir de Maio, têm mais ouro que a coroa... Vede: vede... Nem lhes buliu a Morte. Guardou-os de amuleto, sempre vivos. Guardou-os como joias... como joias... São as joias da Morte os teus cabelos...

(Sempre fitando a Morta, toma agora o cetro do almadraque, e entrega-o à Abadessa, que já sem terror; presa do sortilégio místico da cena, o vai depor entre os dedos de Inês quase esburgados. Pedro sorri. Há na sua lividez uma expressão misteriosa de triunfo)

PEDRO

Shut! Shut!... Estais na câmara da Rainha. Dorme... A vossa Rainha dorme. Só nós velamos. Adormeceu com ela a vida toda. Dorme. Dorme reinando... Com a sua coroa de ouro... o cetro de ouro... Rainha de Portugal. – Rainha da Morte... (*Volta-se: outro tom – olhando a corte*) Há uma Rainha agora em Portugal.

(Afonso e os Bispos ajoelham lentamente; os outros entreolham-se atônitos; acabam por os imitar; alucinados (Pausa) Fora, novo rumor: desta vez mais perto, mais intenso)

PEDRO

Erguei-vos, erguei-vos! (*A corte ergue-se – como sonâmbulos num sonho*) Mais tarde... Muito breve... Tendes tempo. Será na Casa de Deus, o beija-mão. Antes na casa de Deus do que num Paço. Só ele é Rei onde tu és Rainha... (*Novo rumor fora*) Eh! Eh!... O meu povo!... É ele que me acorda, que me chama. Escuta, Afonso. Aqui em Coimbra, – sê tu mesmo o arauto, vai dizer-lhes... Como eu ordenei... tal qual... como tu sabes... (*Afonso vai a sair*) Ah! Mas não: espera ainda. (*À corte*) – Podeis sair – vós – podeis sair. Partimos

dentro em pouco para Alcobaça. Temos para o saimento a noite toda. *(Ao Bispo da Guarda, que se curva em frente dele)* Ficai vós Bispo: tenho que dizer-vos *(Pausa. Som)* Ela vem, ela aí vem – a minha noite!... Noite de coroação... noite de bodas...

(A corte sai confusamente pelo fundo. A um sinal da Abadessa, as freiras – que se conservavam ainda ajoelhadas – erguem-se; saem pela esquerda, como autômatos. A porta ao fundo queda aberta: entra crepúsculo. Pedro, imóvel, fita a morta coroadada. Atrás dele, o Bispo e a Abadessa; ao lado, quase tocando-o, Afonso; no lugar de sempre, como um mármore, o pajem que segura o grande manto)

AFONSO

Meu senhor... Não vá fazer-se tarde.

PEDRO

Ah! Sim... Tens razão. Bem. Ouve, Afonso. Deste as minhas ordens – não é certo?

AFONSO

Fiz tudo o que ordenastes, meu senhor.

PEDRO

E os arautos? Seguiram como eu disse? Foram todos?

AFONSO

Quarenta, meu senhor, vi eu mesmo partir a toda a brida. Tudo lhes disse: – que avisassem o povo do saimento e de que em Portugal já há Rainha.

PEDRO

Foram para todas as aldeias?

AFONSO

Todas, meu senhor, entre Coimbra e Alcobaça. Levaram as longas para o apelo nos adros. Assim, o povo acorre num momento.

PEDRO

E os círios? Disseste que de dia e noite, o saimento há de passar por entre círios?

AFONSO

Nada esqueci, meu senhor.

PEDRO

Bem. Creio que é tudo. (*Lembrando-se*) Ah! E mandaste o meu recado e a minha carta ao prior de Alcobaça? (*Ao Bispo, dominadoramente*) É sobre isto que tenho de falar-vos. Vós, Bispo, vindes também no saimento. (*Fixando-o*) Em Alcobaça, outra vez jurareis – repetindo o juramento de Coimbra – que sendo eu infante e a meu pedido, secretamente me casastes em Bragança, no dia que já bem vos não recorda, com D. Inês de Castro, Rainha de Portugal. Jurareis aos Santos Evangelhos.

O BISPO (*empalidecendo*)

Jurarei ainda uma vez, senhor!?!...

PEDRO

Um juramento ou dois – vedes diferença? Eu jurei e juro-o ainda, sem trair o coração da minha fé. E tu? A tua?

O BISPO

A minha fé!?!...

PEDRO

Nem a conheces bem. Estás hesitante. E não admira: muda, muda muito. Tem a forma que lhe dão as mãos do medo. (*Num tom seco e imperioso*) Em Alcobaça é esta, a que eu te disse.

O BISPO (*sucumbido*)

Sois o meu rei, senhor...

PEDRO

O prior de Alcobaça está informado. Não é verdade, Afonso?

AFONSO

Amanhã por estas horas, meu senhor, deve ter recebido a vossa carta. Foram dois escudeiros bem montados.

(O Bispo fita com terror as mãos de Pedro)

PEDRO

Ide paramentar-vos, Bispo. Tendes já pouco tempo. *(O Bispo sai)* Vê as minhas mãos. Ainda têm manchas de sangue...

AFONSO

Lavai-as, meu senhor. Ali na fonte.

PEDRO *(à Abadessa)*

Dais-me licença, Madre?

A ABADESSA

Oh! Meu senhor...

(Pedro sobe os degraus do jardimzinho. Mergulha as mãos na fonte)

PEDRO *(à Abadessa)*

Tendes ainda rosas brancas, Madre? É com esta água que as regais?

A ABADESSA

E, meu senhor.

PEDRO

Ides ter rosas vermelhas, Madre. *(Descendo os degraus)* Não percas tempo, Afonso. Decerto correm já rumores. Vai calmar o meu povo, vai dizer-lhes. *(Afonso sai. A Abadessa – que desfia o rosário e move os lábios)* Oh! Madre: não tenhais temor algum. Por amor do Amor, Ele perdoa. *(Outro tom)* Há agora uma friagem, não sentis? *(Mostrando o pajem que segura o manto)* Ajudai-me a agasalhar Inês.

(O pajem dá-lhe manto real que é muito longo. Seguram-no ambos, ajoelham, e enquanto a Abadessa cobre as espáduas da Morta, Pedro aconchega-lhe aos pés, devagarinho)

PEDRO *(com imensa doçura)*

Assim... Assim... Não vás ter frio.

(Silêncio breve. Fora – um momento de sussurro)

A VOZ DE AFONSO

El-Rei, meu senhor, vos faz saber: – Que do convento de Santa Clara em Coimbra, com toda a corte e cleresia, sairá ao anoitecer para Alcobaça entre alas de círios sempre vivos, D. Inês de Castro, Rainha de Portugal, sua mulher. E na Casa de Deus será coroada, e haverá beija-mão...

ATO III

Um alto de colina com árvores de Outono a desfolhar-se. Noite. Vindo da esquerda, um caminho arborizado sinua pela encosta até ao vale. Ao centro, um cruzeiro de pedra estende os braços. Detrás, velando-o, um grande cedro. O vale é imenso, povoado de formas floconosas: São as núpcias das árvores e das nuvens. A aldeia vela, escuta. Há molhadas de círios contra os troncos. Muitos, sem fala, sondam o vale: nas atitudes, na expressão transida, uma espécie de terror religioso, como à espera dum milagre-aparição.

UM VELHO *(num grupo em que há mulheres, como depois de uma pausa, quase baixo)*

Quando a cova se abriu – todos tremiam – El-Rei – ouvi-me bem: El-Rei D. Pedro! – pegou na enxada, que era a do coveiro, e ele mesmo, nas lajes, de joelhos, se pôs a tirar a terra, sem tugar...

UMA MULHER

Vê como ele lhe queria... lhe quer ainda!

OUTRA MULHER

Bendito seja Deus! Mais do que em vida...

UM RAPAZ (*com uma expressão de espanto e de terror*)

Pois em vida está ela. Bem em vida.

PRIMEIRA MULHER

Em vida D. Inês!?!... Que dizeis vós?

O MESMO (*indicando o velho*)

Ouvi, ouvi o que vos contam. E vós mesmas, que eu vi no adro quando veio o arauto, já o devíeis saber se ouvísseis bem. Não disse ele bem claro, que há uma rainha agora em Portugal? Pelo visto, cuidáveis que uma morta ia reinar...

O VELHO

Deixai-me ir escutar. Eu volto já. (*Vai à beira da encosta, espreita o vale. Todos ficam à escuta alguns segundos. Voltando*) Nada. Parece que não há ninguém no vale. (*Outro tom*) Como eu dizia: El-Rei tirava a terra de joelhos... Tirou até com as mãos, largara a enxada. E ao tocar no caixão, no caixão dela, todos ouviram que chamou três vezes, que a chamou como em vida: Inês... Inês... Depois pôs-se de bruços sobre a cova, e tocou no caixão muito ao de leve... Foi então que se ouviu!... Ouviram todos: os bispos, as freiras, toda a corte...

UMA MULHER (*com uma surpresa atônita*)

Ela falou?... A morta!?! Quem a ouviu?

O VELHO

Ouviram todos a voz dela, como em vida, a dizer assim: És tu, meu Pedro? Por onde andaste a montar sete anos?...

(*As mulheres, cheias de espanto, benzem-se*)

PRIMEIRA MULHER

Meu Deus! Onde me hei de eu meter? Morro de medo.

OUTRA MULHER

Abrem-se as covas... Mau agouro.

UMA VELHA

Anda a Morte no ar correndo o reino.

O VELHO

É um milagre de Deus: É Deus que o quer. Não é o primeiro morto que cá volta... (*Pausa*).

PRIMEIRA MULHER

E como é que sabeis, como soubeste? Aqui, a sete léguas de Coimbra...

O VELHO

Pelo o almocreve, esta manhã: muitos o ouviram. Estavam à porta do convento, em Santa Clara, quando El-Rei a foi desenterrar. Ouvi o primeiro arauto, soube tudo. Mas perguntai, se quereis, falai com outros.

UMA VOZ (*ao fundo*)

Não vês? Parece que já vejo bulir luzes.

OUTRA VOZ

Também me pareceu. Mas não: é engano.

OUTRA VOZ

Só vejo névoa. Há cada vez mais névoa.

O VELHO

Não pode ser ainda. É muito cedo.

(Escutam fixamente alguns segundos. Cada vez vem mais gente para o grupo)

PRIMEIRA MULHER

Mas então, se está viva e se é rainha, para que vem assim num saimento, mais de dezesseis léguas entre círios?

OUTRO VELHO

E quem te disse que era um saimento? As palavras do arauto são de El-Rei. Ouviste que falasse em saimento? Eu estava lá e não perdi nenhuma.

UM HOMEM

Vem entre círios dia e noite porque é santa.

PRIMEIRO VELHO

Também é minha fé que ela é uma santa. Deus que lhe deu o martírio, deu-lhe a palma. E em Santa Clara, os bispos, a abadessa, e toda a corte, a ouvi-la, ajoelhou... Nenhum sino dobrou desde Coimbra; e não vêm carpideiras: ninguém grita. Os sinos só dobram por mortos; e ela nasceu segunda vez: ressuscitou.

UMA MULHER

E é a mesma que era? tão formosa?

UM HOMEM

El-Rei queria-lhe tanto sem a ver... Há já mais de sete anos que a enterraram.

PRIMEIRO VELHO

Quem vos diz que não via? Vi-a sempre. Como um piloto cego vê o mar. Com os olhos que não dormem, da saudade...

OUTRO HOMEM

E para matar saudades, – como sete anos só, é muito tempo, El-Rei nosso senhor tinha mancebas. Duas ao menos: alguns dizem três. Vós bem sabeis os nomes, todos vos...

UMA MULHER (*rindo*)

O verdadeiro amor estava na cova, e os outros cá fora...

PRIMEIRO VELHO

Deixai zumbir, deixai falar quem fala. A carne, às vezes, é só lodo, é vil: mas é também uma janela para a dor. A dor de El-Rei D. Pedro era a saudade. Ninguém a viu? Que importa! Viu-a Deus. *(Com um fervor de místico, tremendo)* Saudades, – bem sabeis o que elas são: – são as promessas que nos faz a Morte. A que a Morte lhe fez, a El-Rei D. Pedro, ides vê-la sorrir, coroada e linda; ides beijar-lhe a mão, talvez falar-lhe: é uma morta que volta e que sorri... Vem aí dentro em pouco: estais a esperá-la... Primeiro deu-lhe Deus o seu martírio; depois beijou-lhe a alma com piedade, aqueceu-a nas mãos que criam mundos e são aconchegadas como ninhos; e o milagre deu-se, – o que ides ver: os seus olhos de novo refloriram, abriram outra vez na terra escura, que se fazia leve, que fugia, como a sombra recua ao vir do luar... O arauto disse: E na Casa de Deus será coroada. El-Rei o quis assim, – El-Rei que é pai. Não é num Paço – vede! – é numa igreja. Deus vem com ele. Ampara a que se ergueu... *(Olhando os longes)* Nunca vi tantas nuvens sobre o vale. Parece até que o céu desceu à terra.

UMA MULHER

Que pena eu tenho que não pare aqui!

PRIMEIRO VELHO

Podeis segui-los a Alcobaça como eu. Eu vou a pé: carrego os meus janeiros. Tenho dois círios para o caminho: é tudo. Quero ir beijar-lhe as mãos, vê-la rainha, – ver esse olhar que conheceu a Morte como estas mãos a terra que amanharam...

(Ouvem-se ao longe as longas, voz velada, como se fosse um halali nas nuvens)

PRIMEIRO VELHO *(alucinadamente)*

É a trombeta do Arcanjo! Como é doce... Oh! Oh!... Ressuscitou! Eu bem dizia.

VOZES *(ao fundo)*

São as longas, ouvistes? – Além, além na volta do caminho. – Os círios a luzir! cada vez mais!... – Olha o vale agora! Como é lindo! – É um campo em flor. – O vale das estrelas! – São pirilampos aos milhares, voando!... – São as almas que vêm a acompanhá-la!... – *(Tornam-se a ouvir as longas)* – E uma montaria à luz dos círios! – Aos círios! aos círios! Sem tardança. – Toca a acender! Vem perto, vem já perto.

(Todos correm a buscar os círios, encostados aos troncos, sobre pedras nos degraus do cruzeiro, em toda a pane. Nalguns instantes, o caminho que sinua pela encosta, tem uma dupla fileira a irradiar. Os mais velhos, ao fundo, (mulheres em grande número) alumiam curvados sobre o vale, como se fossem pescadores sondando o mar começa agora a ver-se o saimento. Vem crescendo na névoa e no silêncio: a grisalha dá-lhe um ar de aparição, que ao mesmo tempo se diria perto e longe, como se caminhassem, esquecidos, num grande espelho embaciado, sem memória. À frente, os arautos a cavalo: tocam as longas de prata lentamente, num halali que dói e se prolonga, diz o estupor sonâmbulo das coisas... Mal se distinguem. Seguem, durante algum tempo, cavaleiros. Decerto a corte. A cada tule de névoa, são maiores. Depois, – o féretro de Inês. O pano de veludo, que o reveste, cobre os cavalos quase inteiramente. Atrás vem Pedro. Parece maior domina tudo, e quando ao cimo da encosta –, pode ver-se que a sua face de místico sorri. Traz uma coroa de ouro, um grande manto. Todo o povo ajoelha com fervor, dizendo num murmúrio: El-Rei é pai. Durante um certo tempo (quanto tempo?) o saimento passa, sem ruído, numa atmosfera de hipnose que o concentra, como um fresco esmaecido de fantasmas. Enquanto desaparece pela esquerda, os círios apagam-se no vale)

VOZES DE MULHERES

Quantos bispos virão? Eu contei cinco. – Que pena faz! Vem morta, eu bem dizia. – Vem deitadinha no caixão... El-Rei atrás. – Vem a dormir, decerto; não vem morta. – El-Rei vinha a sorrir como se a visse. – Pararam, vão parar!... Ali, no souto. – El-Rei apeou-se – vê! – todos se apeiam. – E que a morta acordou: vai levantar-se... – Então ressuscitou! Milagres... É certo. – Decerto há beija-mão. El-Rei traz coroa. – Perdeste o siso. Beija-mão num souto, ao nevoeiro!... –

Passou agora um frio, um grande frio... – Anda a Morte entre as árvores, à espreita!... – Quer levá-la outra vez, roubá-la a El-Rei...

PRIMEIRO VELHO

Oh! Oh!... Estão a descer as andas da Rainha. Vão os bispos pegá-lo. E parece que vem... sim, vem para aqui. Quantas donas, meus Deus! Vem toda a corte.

UMA VELHA

A Morte vai segui-los... Deus nos valha!

UMA MULHER

Nem um pio no souto... Os mochos viram-na.

OUTRA MULHER

Ui!... O frio outra vez... Um grande frio...

UM VELHO

As árvores ficam como ossadas... Todas as folhas caem sobre a morta.

PRIMEIRA VELHA

É do bafo da Morte. Não chegam a Alcobaça: é mais que certo. Vai os gelar pelo caminho a todos...

(Benze-se. As outras, a tremer imitam-na)

PRIMEIRO VELHO

Não vedes? Já estão a caminhar... Vêm para aqui. Alumiai, alumiai. Depressa!

PRIMEIRA VELHA *(sem ouvir)*

Tudo sabe que a Morte anda no souto. Só eles não...

UMA MULHER

Vê! Todo o souto treme e não há vento...

OUTRA MULHER

As nuvens caem no vale como mortas.

(Silêncio breve)

PRIMEIRO VELHO

Alumiai! Vem perto, vem já aqui. *(Todos erguem os círios)* Mais, um pouco mais ainda. Pareciam longe e vêm já aqui. É do nevoeiro... engana muito. *(Mais baixo)* Oh! Oh!... E El-Rei o primeiro. Olhai, olhai...

(Da esquerda para a direita, em duas alas, os círios alumiam a tremer Entra Pedro. Sob a coroa de ouro à luz estranha, parece emagrecido, os olhos fitos, e no corte da boca os lábios finos – têm um sorriso transcendente, de certeza. Quase ao pé dele, vêm o Infante D. João e Afonso. Logo a seguir; as andas com Inês. Os bispos, na pompa das dalmáticas, rodeados de clérigos e donas, trazem-nas à mão, com grande esforço. Atrás, gente da corte; e enfim, três arautos com as longas)

PEDRO *(olha em redor, apontando o cruzeiro)*

Ali. No degrau mais alto. Sob a rama do cedro... Pousam as andas como Pedro disse. Alguns bispos e clérigos abrem a seguir os Livros de Horas: ficam à roda do cruzeiro a ler.

O INFANTE D. JOÃO

Já prenderam às árvores os cavalos. Foi bom parar aqui: era preciso. Muitas donas deitaram-se no manto. Era bom que comessem: consentis?

PEDRO

Como quiseres, João, dize ao ucheiro.

O INFANTE

E vós não vindes?

PEDRO

Vai tu: descansa um pouco, come. (*Voltando-se*) E vós todos também, levai os círios. Parece que no souto ainda há mais névoa. Enterrai-os na terra que está mole, e comei e bebei: chega para todos. Quando for para partir, as longas soam. Fique só quem quiser: podeis ir todos.

O INFANTE

Bebei ao menos. Está a arrefecer. Eu vou buscar-vos um pichel: quereis?

PEDRO

Estou bem, João. Não tenho sede.

(Cercam Pedro, – Afonso e alguns da corte: entre estes, o Bispo da Guarda, o corregedor e o Astrólogo. Os outros saem. Algumas donas, desfiando rosários, quedam também junto do cruzeiro, atrás dos bispos. Ao fundo, os três arautos com as longas. Agora, sem a luz das tochas, as árvores deformam-se na névoa: só o cedro, umbela de veludo, conserva um ar de cisma, tutelar)

PEDRO (*a Afonso*)

Não vais comer?

AFONSO

Queria ficar convosco, meu senhor.

PEDRO (*mostrando-lhe o cruzeiro*)

Um deus de pedra e uma morta que se entendem, como se morressem de piedade um por o outro...

(Silêncio breve)

AFONSO

Deveis estar contente, meu senhor. Tudo tem corrido à maravilha.

PEDRO

É ou não como eu te disse, a minha noite? Abre de par a tua alma. É a noite em que a saudade se fez carne. Vê! Tens asas de névoa que mal bolem, grandes asas de lágrimas, caladas... Toca o cabelo, toca as mãos: Escorrem. O céu, todo o céu desfez-se em choro. E a saudade que voa sobre o mundo. O meu reino é o reino da saudade. A estas horas, Afonso, não é só com destino a Alcobaça: por todas as estradas, por todos os caminhos do meu reino, vai abrindo os olhos pela névoa, como flores com raízes no silêncio, todo o povo encantado da saudade. Ouves!? Eu ouço-o caminhar. Sigo-lhe os passos. Há nos meus olhos céus para o cobrir. (*Exaltando-se*) Se te digo que é esta a minha noite! Abre-lhe o coração. Escuta, escuta... (*Muito mais baixo, como em confidência*) Uma mãe dorme em sobressalto: acorda... A saudade bateu: Truz! Truz! – de leve. Vai abrir: – é ele, o filho morto!... E outra vez se sorriem e se beijam. Nunca ela o viu tão lindo nem tão vivo; nunca se amaram tanto, tão profundo... – “Dei os braços à Morte para embalar-te. Pedi-lhe que fosse ela a tua mãe.” – “A Morte!?... Nem a vi, minha mãezinha. Cuidei que eras tu que me levavas.” – (*Mais alto*) Cola o ouvido à névoa: escuta sempre. Outra... Perdeu o noivo – e ei-lo que volta! (*Aproxima-se mais dele, segredando*) – “Vens de tão longe!...” “Venho da tua alma. Ressuscitei em ti, oh meu amor.” – “Como é a morte? Diz-me o seu segredo.” – “Estive sempre contigo. Nem a vi.” – E como estas, outras, muitas, muitas... Tudo vozes assim florindo a névoa. A saudade hoje passa sobre o mundo, como o Cristo passou por sobre o mar. Vê como tudo se calou para a sentir!... Eu sabia que quando Inês se erguesse, seria assim a noite. Não te disse?... Na noite das nossas bodas, das supremas, eu sabia que o amor e a morte se beijariam como dois irmãos. É esta, é esta a minha noite. A noite em que a saudade se fez carne!... A noite em que o passado está presente, mas presente adivinho, com futuro, abrindo os olhos sobre um fundo eterno... (*Estende os braços como para estreitar a noite toda*) Noite de Inês e Pedro! Oh minha noite!... As formas despem-se – como as noivas à beira dos seus leitos... Sente a sua nudez, nudez sagrada. É uma nudez toda aromada a mirra, macia como as sombras e mais leve... Sobre o olhar das nossas almas; é a nuvem da nossa alma: é a saudade. Tudo se fez espírito nesta hora. O ouro da minha coroa agora é leve – como se a lua me tecesse em teares de

névoa... (*Pausa. Aspira a névoa em êxtase*) Porque é que o silêncio das criaturas não consegue falar como o das coisas!? Nós calamo-nos todos, e ainda é pouco. Mas se se caía a noite, o vento, o rio... Não sei que é que nos gela. Vem o destino bater à nossa porta... E um espelho prodigioso – este silêncio. Debruça-te sobre ele: que vês tu!?... E outra a tua imagem. Tens um olhar que nunca viste nos teus olhos... uma dor que não sabias que era a tua... outro sorriso... E uma janela que dá para além do tempo. Olhas, e só vês o que é eterno. (*Ouve-se uivar um cão*) Oh! Oh!... Gosto de o ouvir. Uiva! uiva! Como ele uiva!... (*Outro uivo*) Hein! Afonso!... Como o instinto fala à morte!... Fere a névoa – Vê – trespassa a noite. Não há música assim. Melhor, muito melhor que as tuas trovas... (*Fica um momento à escuta. Dá com os olhos no Bispo que o espia, e estremece: muda de expressão*) Que dizes tu, Bispo? Fazem-te frio aqueles uivos?... Era melhor ouvi-los dum bom leito...

O BISPO DA GUARDA

Eu, meu senhor?! Estou aqui cumprindo as vossas ordens. Sois o meu rei...

PEDRO (*com um rir de sarcasmo doloroso*)

Sois o meu rei! Cumpres as minhas ordens!... Bem lembrado. Absolves-te assim de vires conosco. Não és cúmplice: descansa. Ficas puro. Eu mandei; tu – que remédio! – vens. Hé! Hé!... Não vá eu fazer-te como ao outro que ainda me vê em sonho a desvesti-lo, o azorrague na mão, sós numa câmara... Ou como àquele que para poder mais de perto ver o céu, bailou uma manhã na minha força... Má hora essa, Bispo. Nem vale roussar assim... Não se tem paz. (*Ri*) Que dizes tu, ministro do Senhor?... (*O Bispo esboça um gesto servil, vai a fala, Pedro não lhe dá tempo*) Não precisas dizer: Para quê!? O que dizes a ti mesmo sei-o eu bem; li-o eu em Santa Clara nos teus olhos, quando fitaste as minhas mãos que tinham sangue... (*Com um rir convulso*) Tenho pena de ti, Bispo. Ao que tu tens de obedecer, amigo!... (*Ri outra vez*) A mim – olha-me bem – a mim!... (*Caminha para ele. O Bispo recua aterrado*) A um rei coveiro... um milhafre de azorrague e coroa!... carrasco e hiena... que dá a beijar as mãos ainda com sangue, e tem nas vestes terra duma cova... (*Com gestos de*

delírio) Um rei que troca o cetro por a enxada, e uma enxada tosca de coveiro!... que vindima de noite – ao sol da Morte onde só abrem almas... (*Afonso vai para ele, implorando com o gesto e com o olhar. Pedro sorri. Percorre-os com os olhos um a um; deixa cair pesadamente os braços*) Ninguém. Só com ela, – como sempre.

AFONSO (*com uma doçura humilde*)
Ninguém, meu senhor?...

PEDRO
Perdoa, Afonso. Tu, só tu.

(*A névoa cai cada vez mais, em tules lentos*)

PEDRO (*uma mão no ombro de Afonso, com uma voz que parece vir de longe*)

Se um dia vos virdes nuns olhos de mulher ou numa fonte – ou num silêncio assim, como este... agora, – sabereis que não existis, que nem sois sombras, e que o vosso rei – pobre de mim, – é um rei sem corte, com uma corte de árvores e névoa... um rei só... um rei só... no maior reino...

(*Caminha para o grupo em que se esconde o Bispo, entre o corregedor e o Astrólogo*)

AFONSO (*cortando-lhe o caminho, as mãos erguidas*)
Meu senhor! (*Apontando as ondas*) Por aquela...

PEDRO (*imensamente calmo*)

Está bem, Afonso. Não precisas lembrar-me. Vá: – dize tu ao Bispo que sossegue. Que sosseguem... (*Com uma ironia misteriosa*) Quis só vê-los nos espelhos do meu Paço, que é o Paço da Morte e do Amor... (*Mostrando as mãos*) Depois, bem vês, vim sem chicote. E se o tivesse, caía-me das mãos... Que sei eu da Justiça!? Eu só agora me conheço, Afonso. Também me vi nos espelhos do meu Paço... A saudade sei eu que é o olhar das almas; mas a Justiça, Afonso, é o

olhar de Deus. É O que Deus sonha, o que faz triste. (*Ao corregedor, com o riso vago*) Que dizes tu, homem da lei?

O CORREGEDOR (*olhando-o com assombro*)
Que creio nela, como sempre, meu senhor.

PEDRO

Que crês? (*Som*) Sabes que é o teu ofício, – é o que tu sabes. Como eu. E mais a mim chamam-me sempre o *Justiceira*. (*Tristemente*) Olham-me com espanto. Sou já outro... Só porque ameí, estou entre vós mais só do que o pobre mais pobre do meu reino. Fugi de mim. Sou um gafo do amor, lepra divina. (*Ri*) Podeis ficar. Não correis risco... (*Ao Astrólogo*) E tu? Quero também ouvir-te. Que sabes tu do amor, do amor na morte?

O ASTRÓLOGO

É outro o fim da minha vida, meu senhor.

PEDRO

O fim? A vida está sempre a começar, amigo. Eu por mim sinto que vou nascer. (*Com um desdém triste*) Para ti – escusas de negar – sou um pastor doido, que só por ter cajado tem rebanho. Vou a tanger pela noite a Ovelha morta. A névoa cai, o círios tremem, e eu vou levá-la assim para outro redil. E estremunhei um povo para ver isto. Enquanto tu... Tu mandas o teu olhar até às estrelas, – olhar perscrutador e tão agudo que lhes põe em sangue as penas de ouro... És sábio. Acho bem que me desprezes. (*Pausa. Outro tom*) Para entender estrelas, o melhor, é viver como elas a arder sempre. O resto é pouco. (*Mais perto dele*) É nada. O olhar que mais vê e o olhar da vida – são um espelho em face doutro espelho. Querer saber é um impossível triste.

O ASTRÓLOGO

E querer amar?

PEDRO

Querer amar, mesmo quando à míngua de alma, o não consigas, seria ainda um impossível bom. (*Outro tom. A Afonso*) Já puderam descansar as donas.

AFONSO

Esperai ainda um pouco, meu senhor. É tempo que se ganha. Podemos ir sem parar até mais longe.

PEDRO

Seja. Continua então o meu conselho. Porque nós estamos em conselho... – reparaste? É um pouco estranha a sala. Em vez de rases de cor, panos de névoa; e o trono é ali, naquelas andas, – com uma Rainha dentro, silenciosa... Começa a arrefecer. A corte pensa com saudade noutras salas... Alcobaça está longe: a névoa molha: o ouro da minha coroa embaciou. E o conselho ainda em meio! É mister falar baixo. A Rainha dorme. As estrelas estão todas nos seus olhos... Não há nenhuma no céu. Podeis olhar. (*Outro tom*) Continuemos, pois. Quem fala agora? (*Olhando Afonso*) Tu não. Dizem-me tudo os teus olhos de alão meigo. (*Bruscamente*) Ah! Ah!... Martim! Martim! o meu bobo mais moço, o meu Martim! Há muito que o não vejo. Onde está ele?

AFONSO

Vem no saimento, meu senhor; mas enfermo, coitado, quase arrastos. Se quereis – está muito perto – eu vou por ele.

PEDRO

Já, vai já buscá-lo. Que o espero na sala de conselho. (*Afonso sai pela esquerda*) Quero ouvi-lo. Ao vê-lo sempre triste, pele e osso, Inês disse-me um dia: – “Repara no teu bobo. É como um choupo.” Doutra vez – foi no jardim da Alcáçova – perguntou-lhe sorrindo: – “Porque és tão triste, bobo? Um bobo triste é coisa rara.” E Martim respondeu: – “Não sei porquê. A tristeza faz rir. Foi assim sempre. Eu sou triste demais: nasci para bobo. Tu és bela demais: para durar pouco.” – Beijava-lhe os chapins sempre que a via. (*Pausa*) Quero ouvi-lo. Tem um lugar à espera no conselho.

(Martim entra pela esquerda com Afonso. Veste de negro – uma gorjeira branca. E alto, esquelético, corcunda, uma lividez de febre: tem os olhos azuis, quase infantis)

PEDRO *(olhando-o)*

Eis-te enfim. Onde te escondeste tu há tanto tempo? *(Com ternura)* O meu Martim! O meu bobo comprido como um choupo... com olhos de vinte anos... boca e rugas de cem...

MARTIM *(interrompendo – como um dobre)*

E com tão pouco siso como tu. *(Caminha para Pedro: aponta a corte)* Vê lá tu: ninguém riu... Falei enfim uma vez pela boca deles. Somos doidos varridos ambos nós.

PEDRO *(com um rir sardônico, forçado)*

Tu tens a mais a giba...

MARTIM

Como tu. Tu tens a tua dentro... Isso que importa!... Es bobo de alma. *(Fitando-o)* A tua giba chama-se saudade... *(Com uma melancolia de criança)* Temos duas gibas. *(A apontar, avança para Pedro, toca-lhe nas costas como se visse na verdade uma corcunda. Com uma voz de cantiga)* Pobre! Pobre de ti...

(Olham-se instantes. Pedro turba-se)

PEDRO *(disfarçando)*

Há semanas já que te não vejo. Que tens feito de dia?

MARTIM

Durmo.

PEDRO

E de noite?

MARTIM

Cavo. Ando a cavar nas tuas terras...

PEDRO

A cavar!?

MARTIM

A cavar. E depois semeio. Semeio macieiras. Para que haja árvores corcundas como eu...

PEDRO

Semeias no Outono, Martim!?

MARTIM

No Outono. Para que tenham na Primavera folhas secas... como eu. *(Chegando-se mais)* Posso dizer-te a ti: és como um irmão meu... um outro bobo... Eu tinha cabelos brancos ao nascer... *(Mais alto)* Antes a tua giba... *(Quase chorando)* Antes a tua...

(Pedro, como se Martim o fascinasse, avança para ele, tenta abraçá-lo; mas o bobo evita-o, ajoelha-se aos pés todo a tremer)

MARTIM

Pelas chagas de Cristo!... não me açoites... Não me mandes açoitar... não posso mais... Não Vês?... Estou a cair. *(Erguendo olhos humílimos)* Irmão...

(Pedro toma-lhe as mãos: ergue-o de manso)

MARTIM *(fixando a cintura, com espanto)*

Não trazes o chicote...

PEDRO *(no mesmo tom)*

Nem tu o guizo...

MARTIM *(estendendo as mãos, olhando-as)*

Nem eu o guizo...

PEDRO *(com uma voz de terror)*

Estamos na mesma encruzilhada do destino...

MARTIM

Parece-me que é a primeira vez que te encontro...

PEDRO

Como eu. *(Mais perto dele)* Martim... A ti... que posso eu dar?... De que te serviria todo um reino!?

MARTIM

Pão!... dá-me pão... não posso mais. Estou a cair...

(As pernas vergam-lhe. Pedro ampara-o)

PEDRO *(a Afonso, com piedade)*

Ajuda-o tu. Vê! Nem bernal tem como os mendigos... Que lhe deem de comer, deem-lhe vinho. E manda que lhe façam umas andas. Que entrancem ramos de salgueiro... Pobre bobo!...

(Martim sai, amparado a Afonso, pela esquerda. Quase ao sair; para, olha ainda Pedro)

MARTIM

Como tu hoje és bom para mim... *(Com um rir tristíssimo)* Pássaro morto... logo lhe mandas dar um ninho... *(Olhando as andas)* Como Aquela...

(Pedro, atônito, fita instantes o ponto em que Martim desapareceu)

PEDRO *(bruscamente)*

Que as longas soem! E que os círios abram alas! A caminho! As donas descansaram, imagino. *(A algumas que estão junto ao cruzeiro)* A névoa desfez os penteados: afogou-vos. Estais amarelas como mortas... É que o sois. Esta noite é um bom espelho: podeis crer. *(Ouvem-se as longas)* A Alcobaça! A caminho!

(Todos se agitam um momento, ainda hesitantes. No fundo em que a névoa é mais espessa, as árvores são saudades, fumos de árvores. De repente, a noite estrela-se de círios, formando, como à chegada, duas filas)

PEDRO *(extasiado)*

Oh!... Dir-se-ia um saimento ao fundo duma lágrima velada.

(Caminha para as andas a sorrir. Os clérigos que leem Livros de Horas, afastam-se do féretro alguns passos)

PEDRO *(falando à Morta, com uma alegria misteriosa, irreprimível)*

Deus mandou o silêncio às nossas bodas... Era o que lhe pedi: tu bem sabes.

(Afonso entra. A névoa agora espectraliza tudo)

AFONSO

Não são precisas andas, meu senhor. Vai num burro de moleiro. É um feixe de ossos. Coitado! Queria voltar para vos beijar os pés.

PEDRO *(oírado de névoa, sem o ouvir)*

Vê tu, Afonso. O que eu sonhei... tudo o que eu sonhei. Era assim... era assim mesmo... Ir – coroado de silêncio – ouvindo o coração da Natureza pregar o meu amor na Eternidade!... E foi assim... é assim que temos vindo... Ao sair de Coimbra – lembras-te? – os olivais que nos cruzaram, ajoelhavam... Havia nuvens no ar que nos seguiam... O vento sem falar acompanhou-nos, veio deitado nas nuvens a rezar... Os corvos, num voo de veludo, seguiam-nos também – em homenagem... Todos os corvos do meu reino... vinham todos... E voavam entre eles, andorinhas. Escolheram este dia para emigrar. Uma pastora que descia o monte, quedou à frente do rebanho, de mãos postas... O ar, todo o ar, cheirava a urze. Havia... Parece que tudo isto é já passado, e ainda aqui vamos... Nem eu sei se Alcobaça ainda existe... *(Tateando Afonso, como um cego)* Tu, sim. A ti vejo-te eu bem. Tu és o mesmo. Mas o meu reino!?... o meu reino!? O meu reino perdeu-se no nevoeiro, e agora é isto a minha corte: uma corte de espectros, levando o meu amor naquelas andas, por as estradas

dum planeta morto... sempre e sempre... entre flores de luz que bruxuleiam... atrás de mim – fantasma de mim mesmo... (*Dá alguns passos*) A caminho! (*Com as mãos em buzina, para o fundo*) Hé! Trombeteiros! Que as longas soem! Halalis! Halalis!... Sou eu que vou montar para além da morte!..” Quem viu o meu falcão, moços de monte?... Vai comigo desperto em plena noite... E a saudade, chama-se saudade! Bom companheiro... Companheiro eterno...

Os longes douram-se de lua. Pelo fundo entra um fidalgo moço trazendo à mão, gualdrapado de dó, o cavalo de Pedro. Outra vez as longas soam, num apelo de prata, saudosíssimo. Há um movimento brusco de partida.

PEDRO

A caminho!... Por terras de Inês... a montar!...

(Entram pela direita, açodados, um grupo de fidalgos. Entre eles o Infante D. João)

O INFANTE (*tocando-lhe no ombro*)

Meu pai...

PEDRO (*num movimento brusco de ternura*)

João... Meu João... (*Abraça-o longamente. Dominando-se*) Vem ao meu lado. Ela quiere-te mais perto, ao pé de mim.

O INFANTE

E onde pernoitamos? Ninguém soube dizer-me, ninguém sabe.

PEDRO

O mais longe é o melhor: onde pudermos. Agasalha-te bem: a noite molha. Um vagalhão de névoa afogou tudo. Céu e terra são dois pobres náufragos. (*Olhando as andas*) O sorriso do mar e o das estrelas, está ali dentro com Ela; está encantado. Tudo o que sorria, está ali dentro; dorme ali dentro com o seu cabelo... Vais vê-lo em Alcobaça, meu João: é o mesmo, o mesmo; uma erva de ouro tão

macia e fina – que a foice caiu das mãos da morte... Nem um fio ceifou: é o mesmo sempre, que em pequenino te cobria todo, quando ela te beijava no teu berço. (*Levando-o consigo*) Vais ver, vais vê-lo em Alcobça...

ATO IV

Na igreja monasterial de Alcobça. Noite. Vê-se um trecho das naves. No primeiro plano, à direita, o túmulo de Inês de Castro. A direção da igreja é transversal – a entrada à esquerda. Na parede do fundo, ao alto, encimando o altar um vitral esguio, mal distinto. Perto do túmulo, coberto de veludo preto, um catafalco estreito e baixo. Não se vê a abóbada: os colunelos dos pilares sobem sempre. Durante as primeiras cenas, cruzam, em todas as direções, grupos de frades – numa azáfama silenciosa, fantasmal. Às vezes param um instante: trocam palavras que se não ouvem; logo seguem.

O PRIOR (*num grupo de frades*)

Continua a cair névoa?

UM FRADE

Continua. Apesar disso, há cada vez mais povo. Mal se pode ver: é um preamar. Às vezes vê-se a lua. Ninguém fala.

O PRIOR

E há mais de cinco horas que lá estão!

OUTRO FRADE

Desde que se ouviram as longas. Toda a aldeia se ergueu em pouco tempo.

PRIMEIRO FRADE

Agora há mais: chegam a cada instante. Os que têm círios, estão por os caminhos. Nem sei onde arranjam tantos círios.

SEGUNDO FRADE

Muitos partiram com a comunidade. Foram também ao encontro do saimento. E em todos um respeito, uma humildade! Conversam baixo como numa igreja.

O PRIOR

O povo quer a El-Rei do coração. E é justo, é justo. Não foi ele que disse: “No dia em que estas mãos não derem, ninguém deve olhar-me como rei.”

(Pausa)

PRIMEIRO FRADE

El-Rei é o pai do povo, mas da Igreja...

O PRIOR *(atalhando)*

Perfeito ninguém é. Perfeito é Deus. *(Outro tom)* El-Rei saiu às trindades, de Coimbra. Decerto, vêm só cavaleiros no saimento; ora de Coimbra a Alcobaça são dezessete léguas de jornada, e com noites assim, com esta névoa...

UM FRADE VELHO

Acreditais que chegue ainda com noite?

O PRIOR

Disso estou certo. El-Rei o decidiu, terá de ser. E a coroação – à hora que vos disse. Esta noite não dormis; tende paciência. A corte ficará nas nossas celas. E os dois escudeiros? Que disseram?

UM FRADE

Pouco dizem. Quando partiram, eram três da tarde, já estava a mesa posta no terreiro: ia começar a execução dos matadores. Nada puderam ver, nada mais sabem.

O PRIOR

Vede que nada falte. Na capela-mor já eu fui ver. Está tudo bem: o trono para a Morta, os sitiais... É lá a coroação e o beija-mão. E

amanhã, durante a cerimônia, queima-se incenso em todos os turíbulos.

O FRADE VELHO (*com espanto*)

Em todos!?

O PRIOR

Bem podeis pensar: – há sete anos sepulta... Deve cheirar a podre; é mais que certo.

O FRADE VELHO

Eu mesmo a ver, hei de cuidar que sonho.

Um cadáver exumado num convento em que há sete anos já a terra o esburga; e trazido de noite, pela névoa, com uma corte e um rei, e clero e povo, para uma igreja dum mosteiro longe; e lá sentado sobre um trono, coroado entre o fumo dos turíbulos...

O PRIOR (*interrompendo-o*)

Não digais mais, Irmão. Deus sabe tudo.

O FRADE VELHO

Não será tudo isto um sacrilégio?

(*Entra pela direita, Mestre Antônio. Queda a olhar o túmulo fixamente*)

UM FRADE (*apontando-o, muito abaixo*)

Calai. Mestre Antônio, o imaginário...

(*Os frades olham-no, dispersam*)

O PRIOR (*encaminhando-se para ele*)

Não esperais? El-Rei decerto muito gostaria de vos ver.

MESTRE ANTÔNIO

Amanhã na Coroação. Hoje não posso. (*Olhando o túmulo*) Três vezes já passei aquela porta, e três vezes voltei para o ver ainda. Parece que tenho aquela arca sobre o peito. É que nunca me pareceu tão pobre e tosco.

O PRIOR

Também eu, também eu venho contemplá-lo muitas vezes; e cada dia mais me maravilho. Abençoadas mãos que o trabalharam! As edículas são perfeitas, uma a uma. Oh! Mas a estátua da Rainha... Olhai: vinde vê-la comigo, Mestre Antônio. (*Os dois acercam-se do túmulo*) Antes de El-Rei, a coroaste vós. E é linda a coroa! Sente-se, a olhar a pedra, que ela é de ouro.

MESTRE ANTÔNIO

Não tem só coroa: vede o baldaquino. Rainha, – e mais ainda: santa, santa.

O PRIOR

Eu não queria dizer: vós compreendeis... Mas vi, bem vi: tem baldaquino e coroa. É uma estátua de santa e de rainha.

MESTRE ANTÔNIO

Ele a canonizou na sua dor.

O PRIOR

Perdoai, Mestre Antônio, perdoai. Canonizar, – só Roma, só o Papa.

MESTRE ANTÔNIO

El-Rei pediu-lhe numa carta que o fizesse. E nunca ouvi razões mais altas nem mais belas. Leu-me uma tarde aqui, ao pé do túmulo. Quando acabou, a Rainha era santa na minha alma.

O PRIOR (*com um grande espanto*)

Estais bem certo!?!... El-Rei, El-Rei D. Pedro...

MESTRE ANTÔNIO

Eu vo-lo juro. Até agora sabia-o eu e ele. Confio em vós: sois há mais de vinte anos meu amigo.

O PRIOR

Podeis confiar. Ninguém o saberá.

MESTRE ANTÔNIO

O Papa recusou: respondeu que não achara fundamento. El-Rei sorria com mistério, ao dizer isto... “Deus Sabe, Deus bem sabe que ela é santa. Sabe-o Deus e nós: é tudo, Antônio.” Comecei o baldaquino nesse instante. Ele ficou a ver por muito tempo.

O PRIOR *(olhando a estátua)*

Há nela uma expressão de beatitude. E as mãos, as mãos cruzadas sobre o peito! Como são belas!

MESTRE ANTÔNIO

Eram lindas as dela... lindas, lindas... como ele mas mostrou, como ele as vê... “As mãos de Inês – disse-me El-Rei D. Pedro – até mesmo dormindo, acarinhavam. Adivinhava em sonho os nossos filhos.” E eu a ouvi-lo, tinha vontade de chorar, pensava: – como hei de dar em pedra essas mãos de anjo!?!...

O PRIOR

Podeis estar descansado, Mestre Antônio.

(O vitral azula-se de lua, faz a estátua de Inês toda opa fina)

MESTRE ANTÔNIO *(fervorosamente)*

Bendito seja Deus! Não foi em vão. Dá-lhe o luar nas pálpebras cerradas. Parecem transparentes... São de seda. Dir-se-ia que coam o olhar dela. *(Pausa)* “Quando estou triste – disse-me ainda El-Rei, olhando a estátua – lembrar o olhar de Inês faz-me tão bem – como a água, nos campos, ao silêncio.”

(Olham maravilhados, sem falar)

O PRIOR

E o túmulo de El-Rei? Começais breve?

MESTRE ANTÔNIO

Dentro dum mês. Preciso descansar. Fica a par do da Rainha, eu já vos disse. Mas não tem a mesma direção. El-Rei quer que o cabeçal dum túmulo fique voltado para os pés do outro.

O PRIOR

Para quê!? Sabeis?

MESTRE ANTÔNIO

Para no Juízo Final, ao despertar, ver raiar nos olhos dela a eternidade (*Pausa*) Assim me disse El-Rei. (*Passaram ao fundo dois frades com tocheiros*) Deve ser tarde. (*O vitral escurece*) E vai talvez chover. Foi-se o luar.

O PRIOR (*aos frades que passam*)

Alumiai Mestre Antônio até ao adro. (*Abraça-o*) Deus vos dê boa-noite. Acompanhai-o. Eu vou também convosco até à porta.

(*Saem pela direita. Os frades que passavam alumiam. Silêncio breve. Pela esquerda, entram o Frade Velho e outros frades*)

O FRADE VELHO (*apontando o catafalco*)

É aqui. Logo que chegue ao adro o sarmento, sois vós que ides buscar a Rainha morta e trazê-la para aqui. Fica neste catafalco até amanhã.

UM FRADE

E quem há de velá-la?

O FRADE VELHO

Não sei. Só o prior sabe. El-Rei na carta dispôs tudo, previu tudo. Depois o sabereis. (*Vendo o Prior que volta*) Ele o dirá.

O PRIOR

Que de povo no adro! Agora chove. E ninguém, arreda um passo, ninguém fala. (*Outro tom, ao Frade Velho*) Vejo que já dissestes.

O FRADE VELHO

Neste instante.

O PRIOR

Amanhã, antes da Coroação, há de ir daqui para o trono. Até à capela-mor, vós mesmo a levareis também. Depois, é preciso tirá-la do caixão. Nem sei bem como se possa fazer isso. Vem já coroadas: traz o cetro de ouro, o grande manto...

O FRADE VELHO

E como quereis que a Morta se sustenha? Depois de sete anos na terra... Deve estar quase esburgada. Quem sabe se as mãos que temos de beijar-lhe, – conservam ainda os ossos todos...

O PRIOR

Também já me lembrou. É preciso segurá-la com almadraques. Outra coisa ainda... Quantos sois? (*Contando*) Um, dois... sete. E pouco. Doze pelo menos vão ao adro dizer, de grupo em grupo, que a coroação e o beija-mão são amanhã. Amanhã de manhã: depois das onze. Todos os sinos de Alcobaça os chamarão. O povo ainda não sabe. Os arautos nada disseram sobre a hora. Quando o saimento entrar na igreja, devem pois recolher-se. Dizei-lhe que El-Rei assim o ordena.

UM FRADE

Quereis que vamos já?

O PRIOR

Sim, quanto antes.

(*Os frades, ao sair; cruzam com outros: falam segundos; retiram depois todos pela esquerda. Ficam apenas o Prior e o Frade Velho*)

O PRIOR

Queira Deus que tudo corra bem! Tenho medo de esquecer alguma coisa. Já li a carta de El-Rei mais de dez vezes.

O FRADE VELHO (*com uma expressão de ódio reprimido*)

E é certo que aqui, na nossa igreja, o senhor Bispo da Guarda vai jurar ter casado a El-Rei com D. Inês?...

O PRIOR (*evasivamente*)

Como jurou em Coimbra, bem sabeis.

O FRADE VELHO

Sei que El-Rei o forçou: jurou coacto. Ah! Deixai-me dizê-lo a vós ao menos: – El-Rei D. Pedro é o carrasco dos corpos e das almas.

O PRIOR

Sois injusto, Irmão, sois mais que injusto. Vedes só o mal, que é de nós todos. Não vedes a grandeza, o timbre da alma. El-Rei D. Pedro, meu senhor, é um grande rei. Não é este o instante de o mostrar. Saí ali ao adro: – interrogai. Qualquer desses, ainda o mais humilde, pode dizer-vos porquê, pode prová-lo.

O FRADE VELHO (*numa exaltação crescente*)

Um grande rei, dizeis!... Um rei perjuro, que quebrou por vingança, friamente, o juramento que a seu pai fizera; que se diz justiceiro e é só carrasco; um rei cristão que enforca bispos, e os força, por terror, a jurar falso; um rei cristão que insulta Roma, e mais ainda, o Deus que o julgará – canonizando a amante nesta igreja...

O PRIOR (*perturbado*)

Não estais em vós, Irmão...

O FRADE VELHO (*apontando o túmulo, brutalmente*)

Não a vedes ali, no impudor daquela pedra – quase viva?... Tem a coroa de rainha e o baldaquino!... O carrasco sagrou a amante morta. A coroa de rainha é já desvairo; mas o baldaquino de santa – o baldaquino!

(Ouve-se a voz das longas, argentina)

O PRIOR *(estremecendo)*

Ei-lo – o saimento!...

O FRADE VELHO

Ei-lo o carrasco – ao som das longas!... a hiena que o cio ensandeceu, o rei coveiro de chicote e coroa, que em espírito roussa pela morte!...

(Tornam-se a ouvir as longas, já mais perto) Ei-lo o maldito! *(Como um possesso)* Queimais incenso em todos os turíbulos: a podridão dessa alma e dessa morta há de impregnar as naves, o granito, prostituir o ar, queimar as preces!...

(Ouvem-se agora as longas muito perto. Entram frades correndo)

OS FRADES

É o saimento! O saimento!

O PRIOR *(buscando cobrar ânimo)*

Abri as portas já... de par em par!...

(Abrem-se as portas. O Frade Velho vai falar ainda, quando ressoa o ofício dos defuntos. Sai curvado e trêmulo, pela esquerda. Todos os outros correm para o adro. Fica deserta a cena)

CORO DE FRADES FORA

De profundis clamaui ad te, Domine: Domine, exaudi vocem meam. Fiant aures tuae intendentes, in vocem deprecationis meae. Si iniquitates observaveris, Domine: Domine, quis sustinebit? Quia apud te propitiatio est: propter legem tuam sustinui te, Domine. Sustinuit anima mea in verbo ejus: speravit anima mea in Domino.

(Entram primeiro, trazendo o caixão de Inês de castro, seis frades. Pedro vem atrás hirto e contente, logo depois, o Infante D. João e Afonso, o Prior e os Bispos: seguem responsando, os que foram ao encontro do saimento; e enfim, confusamente, – a corte, fidalgos e donas, cheios de lama e de fadiga, extenuados. Os seis frades pousam o ataúde sobre a eça: – ouve-se o último

versículo nesse instante. Pela direita, agora, vê-se parte do adro sem ninguém; – formas vagas de árvores imóveis, e o céu que nos longes, – sonha luz. Entre frades que seguram tochas, chega Martim, o bobo, de ar atônito: fica ao pé do catafalco, junto a Pedro. A um gesto do Prior; alguns frades vão fechar a porta: mas deixam-na ficar entreaberta. Os reflexos das tochas despertam o granito dos pilares, e aqui e além, um frontal de altar; um vidramento. Estão junto ao catafalco, Pedro e Afonso, o Prior; Martim e alguns da corte. Muitos, exaustos, deitam-se aos pés das colunas, dos altares, – cariátides de sombra aniquiladas: alguns perdem-se nas naves pela esquerda; os outros, em grupo sem falar; têm uma expressão de pasmo, embrutecida. Pedro abre o caixão devagarinho: sorri todo curvado sobre a Morta. Todos os sinos de Alcobaça dobram)

PEDRO

Que é isto!?!... Dobres!... quem morreu aqui, nas minhas bodas!?!... Os sineiros de Alcobaça endoideceram. Que os sinos toquem todos a noivado!... E que toquem sempre!... sempre!... sempre!...

(O Bispo da Guarda e alguns frades saem precipitadamente pela esquerda)

PEDRO *(ao Infante D. João, olhando-o demoradamente)*

Que tens tu, meu filho? Nunca te vi tão pálido. *(Tocando-o)* E a tremer... a tremer todo... as mãos geladas...

O INFANTE

Frio. Tenho frio até aos ossos.

PEDRO *(pondo-lhe a mão no ombro)*

Precisas descansar. Vai, vai dormir. Quero ver-te amanhã feliz e ledado. Vais dormir numa cela, como um frade. *(Passando-lhe a mão pelo cabelo)*

Dorme bem.

(O Infante beija-lhe a mão. Vai a sair. Pedro retém-no, aponta a Morta)

PEDRO

Mas dá-lhe as boas-noites, vai beijá-la. Ela nunca se deitou sem te beijar. (*Branco de terror o Infante hesita*) De leve. Tem cuidado: não a acordes.

(*A tremer todo, o Infante curva-se sobre a eça; dá com os olhos em Pedro – beija a Morta. Depois fica imóvel, cor de cera, os olhos vítreos de terror; transido*)

PEDRO (*num sobressalto de ternura*)

Oh! Oh!... Como os teus dentes batem! Vai depressa, meu filho, dorme bem.

(*O Infante sai. Vão com ele fidalgos e alguns frades*)

O PRIOR

Deveis estar fatigado. Eu vou buscar um escabelo, meu senhor.

PEDRO

Não vás. Estou bem. Sinto-me bem. (*Olhando em roda*) E Mestre Antônio? Não o vejo aqui. Onde está ele?

O PRIOR

Partiu ainda há pouco, meu senhor. Tem trabalhado tanto! Está cansado. Estivemos ambos a ver como o luar dourava o túmulo. Foi pena que não vísseis, meu senhor.

(*Abre-se a porta com violência. Todas as luzes se apagam. O vento arrasta pelas lajes folhas secas*)

PEDRO (*voltando-se*)

Oh! Oh!... O vento! O vento!... ei-lo conosco. Despertou ao chegar, desceu das nuvens, e vestido de noite, entrou também. (*Apanha folhas secas no lajedo*) E as folhas – olhai – as folhas secas!... E o beija-mão das árvores do Outono!... Os choupos de Coimbra sonham asas... Vinde!... vinde!... vinde!... E bem assim. As amigas de Inês antes da corte...

(*Põe sobre as mãos da Morta folhas secas*)

O BISPO DE COIMBRA (*baixo, ao Prior*)

Agora era melhor rezar um *requiem*. Não há tempo para mais. E já tão tarde! Dizei-o vós a El-Rei.

O PRIOR (*olhando Pedro*)

Eu nem me atrevo. Não vedes como está perdido nela?

AFONSO (*a medo*)

Meu senhor, se permitísseis...

PEDRO

Dize, Afonso.

AFONSO

Como a coroação é amanhã, ou melhor, daqui por sete ou oito horas, era preciso descansar, dormir um pouco. A corte está semimorta de fadiga; e coberta de lama, meu senhor... (*Hesita um instante – vendo que Pedro não responde*) Ao atravessar o pinhal, havia charcos; os cavalos atolavam-se...

PEDRO (*interrompendo-o*)

Foi lindo, Afonso. Tenho tudo, tudo nos meus olhos. Os círios não podendo abrir em alas, espalharam-se no pinhal sem tino... Havia dois pinhais e dois saimentos... Quando os círios tremiam, o pinhal refletido tremulava; tremulava das agulhas à raiz, como oirado de lua... Era, em cada charco, uma paisagem subterrânea de saudade, um correr de arrepios, de reflexos... Inês, nas suas andas, ia assim balouçada entre dois mundos... Os peões, os cavalos chapinhavam, com um som mole, amortecido em névoa... Ouviu-se o coro dos frades nesse instante. Cuidei ao princípio que era o mar. Depois ouvi-o perto, ainda mais perto; distingui as vozes, as palavras... *De profundis clamavi ad te, Domine...* As ramas, na água, eram de plumas; e dos círios – centenares de círios – caíam estrelas de sangue na água morta... Cada coisa olhava a sua imagem: já não havia terra: – Só

espelhos... Mesmo o ar era um espelho de âmbar, em que o luar se mirava, se sumia... E cheirava, a morte, a névoa...

(Pausa)

AFONSO

Consentis, meu senhor, que vão deitar-se?

PEDRO

Certo, certo. Que descansem.

O PRIOR

Vós, meu senhor, tendes que perdoar. Ficais na minha cela: – é uma noite. Quando quiserdes vir: bem precisais.

PEDRO

Eu fico bem aqui. Deixai-me só. Fico aos pés de Inês – a seroar...

O PRIOR

Deixai um velho pedir-vos, meu senhor. Vede: estais molhado até aos ossos. Daqui a uma hora – pouco mais – cantam os galos. É dia, o grande dia que esperais há tanto. Como podeis sem repulsar... Bem vedes, meu senhor, que é impossível.

PEDRO

Eu te agradeço: crê. *(Olhando Inês)* Fico com Ela. Os galos não tardam a cantar?... Melhor. Vou esperar o sol aos pés de Inês.

AFONSO

Mas, meu senhor...

PEDRO *(interrompendo-o)*

Vai tu também, Afonso. Dorme na cela que o Prior me destinava. E Martim, leva Martim contigo.

AFONSO

Eu peço-vos, meu senhor, como uma graça. Deixai-me ficar. Durmo nas lajes. Durmo à sombra beata do moimento.

MARTIM (*erguendo as mãos*)

E a mim, a mim!... Deixa o teu bobo. (*Quase chorando*) Tu nunca mais te ris: já me não queres...

PEDRO (*comovido*)

Ficai então. Mas deitai-vos: dormi. Ides ter frio. (*Ao Prior*) E tu também, amigo. Não percas tempo, vai para a tua cela. É tarde, é tarde. Não quero ninguém da corte. Que vão todos. E fecha as portas; fecha as portas todas. (*Param os dobres. Logo a seguir, ouve-se os sinos repicar, tintinabular festivamente. Pedro sorri. Ao Prior*) Dize que toquem sempre...

O PRIOR

Vou cumprir as vossas ordens, meu senhor. (*Dá alguns passos com Afonso*) O que eu não sei, é onde albergar as donas. Não supus que viessem. El-Rei na carta, não me falou delas. Podem ficar na sala do Capítulo. Já poucas horas faltam para ser dia. Os homens vão descansar nas nossas celas. Deus me perdoe! Parece-me um sonho tudo isto. Alguns deitaram-se no chão. Vede: já dormem.

AFONSO

Deixai-os dormir: não os acordeis. A fadiga faz das lajes um bom leito. Dormem assim melhor do que nos paços. Levai convosco os outros. Ide, ide.

(O Prior vai então de grupo em grupo. Todos se somem lentamente pelas naves. Pedro olha Inês num encantamento místico. Tira, com as duas mãos, a coroa de ouro: pousa-a aos pés da estátua tumular. Depois deixa cair o manto. Tem uma expressão de alegria transcendente. No silêncio que as colunas guardam, apenas se ouve o repicar dos sinos)

O PRIOR (*a Afonso, muito baixo*)

Logo que possa, volto. (*Apontando*) Fico ali junto daquele altar. Se precisardes de mim...

AFONSO

Shut! Shut!...

(O Prior sai. Martim e Afonso, olhos em Pedro, escondem-se atrás duma coluna)

PEDRO *(com uma doçura imensa)*

É a nossa hora Inês... Estamos sozinhos. Estás bem assim!? Tu ouves-me dormindo. Eu fico aqui à tua cabeceira. Não bulas, meu amor, dorme assim queda – como a tua estátua ali, sobre o teu túmulo... Esta é a Casa de Deus. Deus está conosco. Ouves os sinos repicar!... Toca a noivado. As nossas bodas agora – são eternas. Sinto na minha alma a tua alma – como a água duma fonte noutra fonte, como a luz na luz, e Deus em Deus... Sinto-me tanto, que te perco em mim. Aqui me tens, Inês: sou o teu Pedro. O que ele tem, o que ele tem para te contar!... Eu bem sei que tu sabes... sabes tudo. Os teus ouvidos, na Morte, ouvem melhor. Ouviram o desespero do teu Pedro – uma noite de pedra sobre esta alma – ouviram as suas lágrimas caladas: ouviram toda, toda a sua dor. Eu sei... eu sei... As palavras, por si, dizem bem pouco; mas acordam a alma, meu amor. Se não fosse assim, para quê!?... falar... Fala-se para cair no teu silêncio – no silêncio em que a alma sorri toda... O teu Pedro quer falar: deixa-o dizer... Ouve-o como mesmo adormecida, tu ouvias a fonte do jardim, do jardim das oliveiras meigas, do teu “Jardim das Oliveiras”, meu amor. *(Pausa)* É o primeiro serão da eternidade. Lembro a face da terra em que te amei. Vejo os campos de Coimbra ao luzir de alva... Eu vou partir para montar... digo-te adeus... As rolas cantam perto – muito triste – no pinhal vizinho, que as entende... O Mondego, ainda a dormir, já corre... O último beijo que me deste em vida, foi numa hora assim: caíam folhas... Os pomares ofereciam-se – doirados... Quando fecho os meus olhos, vejo-a sempre: dir-se-ia que forra as minhas pálpebras. Foi nessa hora que eu nasci para a dor: foi na hora sagrada em que morreste, que a minha alma nasceu para te adorar. Até à tua morte – eu só te amava. Disse-me Deus, Inês, que me perdoaste. E eu sinto o teu perdão dentro do peito – como se o abrisse para o luar entrar... Quero dizer-

te desde essa hora, a minha vida: – ressuscitavas tu quando eu nasci. O nosso amor, amor, ainda era pouco. Só abraçado à morte ele inicia: só a Saudade revela, sabe a Deus. Oh! Os meus dias... os meus longos dias – dias de hiena triste, a sonhar sangue... O teu Pedro quer mostrar-tos para que os beijos: – e serão puros na Saudade, como tu. *(Com uma expressão dolorosíssima)* Mil vezes, minha Inês, mil vezes sofri na minha carne a tua morte. Via-o sempre – o espaço era para ele – o teu corpo de amor, tão grande e belo. Deixei de ver o sol: via-o a ele. A brancura de flor da tua pele era a luz da minha solidão. Vivia com o teu corpo na memória – como um lobo num fojo com a presa. E então a minha dor – todo o meu gozo – foi reviver nesta carne o teu martírio. Mas mais, ainda mais que as tuas feridas, me faziam sofrer as tuas mãos... As tuas mãos, amor, via-as pisadas, como asas partidas, que ainda tremem. Eram a coisa mais triste que o sol viu. Os assassinos tinham-nas pisado. O ar, a luz, faziam-nas sofrer. E eu ouvi-as pisar: ouvia... ouvia... Oh! Foi como pisar pássaros mortos...

MARTIM *(com uma voz sufocada)*

Afonso! Afonso!... E como se eu a matasse... Faz-me mal.

(Pausa. Afonso emudece-o com um gesto)

PEDRO

Vivi um ano assim, do teu martírio. O teu sangue, amor, era o meu vinho. A tua morte, Inês, foi o meu pão. Fugia ao sol: a luz envenenava-me. Queria estar só, bem só, murado em mim: – cavava no silêncio um fojo escuro para me poder cevar na minha dor. O meu crânio era uma câmara de tortura: – viviam lá um carrasco e os assassinos. E o carrasco era eu, era o teu Pedro. Oirava de pensar... de sentir sangue... Para ver se assossegava, ia montear. Corria os montes da Beira doidamente. Entre halalis e vento, galopava. Moços de monte olhavam-me pasmados. Nem seguia os javardos: galopava!... Quanto podia, à toa, sem destino: – a fugir de mim mesmo, entre os meus galgos!... E o sono não vinha, nunca vinha. Nem nas fráguas dos montes nem nos paços. Nos pântanos de argento muita vez, apedrejei a minha própria imagem. Fui cúmplice

das coisas contra mim. Toda a terra viveu a endoidecer-me. As árvores, na sombra, cochichavam: vinham fechar-me em ondas de conjura: cresciam contra mim, que as amei sempre... Num silêncio escarninho, caminhavam... Uma noite, ao recolher – pobre de mim! – quis enterrar num cedro a minha espada. A lâmina partiu com um tinir frio. (*Pausa*) E às vezes, nas palmas destas mãos, quase sentia a polpa dos teus seios!... Era um lobo o teu Pedro: era uma hiena. Mas um dia, “Alguém” desceu ao fojo: – “Alguém” que era da morte e era da vida; e mais – de além da morte e além da vida... E eu vi a Saudade ao pé de mim. Nunca mais me deixou: vivo com ela. Fez-se em mim carne e sangue. Fez-se Inês. Por isso sabes toda a minha vida. Por isso eu sei a morte como tu. Sou o homem que viveu a vida e a morte: sou o homem-Saudade, o rei-Saudade...

MARTIM

É o rei-Saudade, Afonso!...

AFONSO

Eu bem sabia.

PEDRO

Sou o rei... o rei do maior reino... do reino que me deste, minha Inês... Duas vezes Rainha!... Santa! Santa!... Se estou aqui ao pé de ti – tudo foi bom!... A minha dor, Inês, beijo-a nos olhos!... beijo-a como beijei a tua boca... como – cerrando os olhos na saudade – beijei, beijei, beijei a tua alma... Tudo, tudo foi bom. Tudo eu bendigo. Ouço bater o coração do meu destino. Agora sei, Inês... agora entendo. Morreste moça – para viveres na eternidade sempre moça. Bendito seja sempre o teu martírio! Bendito o lobo em mim... bendita a hiena... (*Mais perto dela ainda, erguendo as mãos*) Estás outra vez no reino pequenino. Ele foi-te fiel como o teu Pedro. Cada árvore sabe a tua graça. A tarde cai lembrando o teu sorriso. A terra que tu pisaste, alimentou-me: era pão para mim, mais do que pão. Oh! Mas Coimbra foi como uma mãe. Como se o húmus recebesse a tua carne, floriu todo em saudades – campo e montes... Terra de comunhão, carne de Inês. Como eu a vejo agora – a nossa Coimbra!... E uma Coimbra decantada na saudade... Uma Coimbra

de além... E rio e choupos, e olivais e Paços, vozes de sinos, voz de rouxinóis: é tudo, tudo feito de reflexos... Só ela vive do meu reino agora. O meu reino lá foi – sumido em névoa. Adeus salas de pedra dos meus Paços... meu povo e minha corte... meu chicote de justiceiro... noites de folgança ao som das longas... manhãs de montaria... *bons nebris*... Sois uma asa ao fundo da memória. Só guardo nos meus olhos o Mondego, tal como o vi depois de tu morreres. Eu não tinha um irmão... Ninguém comigo. Fui ter com ele – o meu amigo de água. Ia como uma lágrima doirada, com folhas secas a boiar, o céu ao fundo, e os choupos nas margens a rezar... Assim ficou nesta alma para sempre. Lembras-te? – uma vez, no ardor da sesta, adormeci no teu regaço. Era em Agosto. Ele corria aos nossos pés, num murmurinho: as suas águas tinham sede como a areia. Para me acordares – era já quase noite – beijaste-me nos olhos, minha Inês. E eu quedei como um monte, em seu burel de mato rude, quando uma nuvem da manhã o beija... Não sabia onde estava. Tu sorrias. Entrevi nesse instante o nosso reino... Ouve o teu Pedro, Inês, peço-te muito: – havemos de nos lembrar do sol da terra! E do Mondego, Inês, das suas águas. O sol da terra é irmão do teu cabelo. Como eu o amei, como eu amei o teu cabelo!... Muitas vezes, a afogar-me nele, sentia luz em mim, era meio-dia, como se Deus mungisse o sol sobre a minha alma... Amava-o tanto como tu o sol. Tu amavas o sol perdidamente. Até fugias dos meus braços, meu amor, para o ver a arraiar por sobre os montes. Ao luzir de alva, abrias a janela: “Anda ver, meu Pedro, ele não tarda.” Eu cingia-te quente, seminua. O pomar dormia. Só o silêncio andava a perfumar-se no pomar. Tudo era dor de asas de rouxinóis... como tu te fazias pequenina!... A manhã vinha vindo além dos montes... Os teus seios arfavam com a luz... E ficavas a olhar – os olhos rasos!... Que tinhas tu!... Vias o céu sofrer?... Era para dar a aurora ao nosso amor!... E nascia... subia: encantamento!... Os teus faziam-se maiores. Oh! O que o sol gozou de viver neles!... Mesmo na sombra – eram flores com raios... Os teus olhos olhavam-me na sombra – como as janelas do meu Paço olham a noite... Os meus agora vivem como estrelas: dobram a luz dos teus sem descansar... (*Com opressão e êxtase*) Onde estou eu?... Não sei. Estou só contigo. Respiro o teu olhar: é luz de luz... é o ar da minha alma – o teu olhar. E

Alcobaça!?!... A minha coroa de ouro!?!... Alcobaça onde está!?!... as altas naves!?! E os sinos?!... a corte!?!... os sinos de ouro a bailar no ar as minhas bodas!?!... Ainda os ouço... ainda... mas tão longe... E o princípio e o fim de tudo o nosso amor. Os teus seios uniram-se: eilo – o mundo!... Ouço no teu silêncio cotovias... O som e a luz casaram-se, fundiram-se: são o ar que eu respiro... o nosso ar... Oh! Asas... asas... deem-me asas!... É um abismo de estrelas – este amor... faz-me medo. É um turbilhão de estrelas... *(Com voz de aura, chamando)* Inês!... Inês!... Eu tenho medo... Sinto o vento de luz da eternidade...

(Um momento, estende os braços como asas; e resvala inerte no lajedo)

MARTIM

Oh! Oh!... Fugiu... fugiu. Não volta mais... Nunca mais volta.

(Afonso corre: enrola o manto de Pedro em travesseiro, põe-lhe sob a cabeça com cautela)

AFONSO *(comovidamente)*

Foi por deus. Não se feriu. Deus amparou-o.

(Ajoelha, debruça-se sobre ele: fica a ouvi-lo respirar – segundos)

MARTIM

Dize... dize depressa: – achas que volta!?!...

(Manhã. O vitral inflama-se de sol, estende um tapete fluido no lajedo. O cabelo da Morta agora esplende, dum loiro cínico, solar; mais fulvo do que em vida, mais ardente. Afonso segue-se: olha-a estarecido)

AFONSO

Ressuscitou!... Ressus...

(Fita, num vazio de hipnose, o vitral que fulgura, intumescido de sol, violeta e sangue. Ouvem-se passos. O Prior entra correndo)

O PRIOR

Que foi, meu Deus!... El-Rei sem dar acordo...

AFONSO (*procurando dominar-se*)

Já o tenho visto assim; não corre perigo. Deixai-o sossegar e acorda bom. Ninguém lhe toque. Tenho a certeza do que digo: acorda bom. Esperemos aqui, desperta em breve. (*Olhando em torno*) Continuam a dormir. Tudo está bem.

O PRIOR

Se já o tendes visto assim... Ninguém melhor que vós pode sabê-lo. Conheceis El-Rei na intimidade. Mas eu, bem compreendeis, não estou em mim... É preciso dar ordens... prevenir. Já não pode ser hoje a coroação.

AFONSO

Não façais tal. Decerto pode. Com certeza. Este que está aqui, é o Rei-Saudade... Mas ninguém o conhece... ninguém sabe... Nem mesmo logo ao vê-lo coroar a Rainha morta, alguém da corte ou do povo o saberá. Só verão os ouros das dalmáticas e o fumo dos turíbulos no ar... E hão de ouvir cantar missas: nada mais. (*Com uma grande emoção*) Para eles, é só Pedro primeiro...

O PRIOR

Pensais então que é melhor não dizer nada?

AFONSO (*continuando – como em sonho*)

...bailador e monteiro e justiceiro... (*Imitando inconscientemente a voz de Pedro*) “Ouve, Afonso. O meu reino é maior do que tu pensas: – Portugal é uma província apenas... O meu reino de segredo, sem fronteiras, o meu reino de amor abrange a Morte, a sua natureza de mistério...”

O PRIOR

Perdoai. É quase a hora de rezar matinas. Quando pensais que El-Rei...

MARTIM (*interrompendo-o*)

Tens aqui Deus. Pergunta a Deus quem é o Rei-Saudade.

O PRIOR (*afasta o bobo – com uma grande inquietação*)

Por Deus! Ouvi-me. Dizeis então que é só um acidente? Que tendes visto El-Rei assim – não é verdade?

AFONSO (*lentamente, com esforço*)

É certo. El-Rei estará conosco em pouco tempo. Não digais nada a ninguém. Ide tranquilo. Os que aqui dormem, dormem como mortos. Estão mortos de fadiga: nada ouviram. Não vos inquieteis. Não houve nada. Tudo se passará – eu vo-lo juro – conforme as ordens que de El-Rei vós recebestes. El-Rei não tarda. (*Olhando Pedro de perto: em voz mais baixa*) Está longe... muito longe... mas não tarda.

O PRIOR

“El-Rei não tarda... El-Rei está longe” – dizeis vós?...

AFONSO

El-Rei desperta dentro em breve; é o que eu dizia. Logo que ele desperte, o sabereis. Mando por vós, descansai, mando por vós.

O PRIOR

Mas olhai, vede bem: não precisais de nada? Quereis algum cordial? Era melhor. (*A um gesto negativo de Afonso*) Ao menos – água.

AFONSO

Nada. Ide em paz, ide tranquilo.

(*O Prior; que ainda se volta inquieto, sai por detrás do túmulo, sem ruído. Afonso debruça-se sobre Pedro atentamente. O sol agora ri nos colunelos. A coroa refulge aos pés da estátua*)

MARTIM (*depois de olhar Inês e Pedro – como se os visse de repente muito longe*)

Oh! Oh!... Estão juntos... estão juntinhos... É manhã nas estrelas... Vão casar... (*Achegando-se a Afonso, com mistério*) Lá vão eles agora...

de mãos dadas... Estão à porta da igreja... – Ouves os sinos?...
Sorriem de mãos-dadas... vão a entrar... (*Mais baixo, uma expressão de
terror místico*) Oh!... E o olhar de Deus – aquela luz... É o coração de
Deus – aquela igreja...

AFONSO

Não fales mais, Martin. Deita-te: dorme.
Esperemos que ele volte do outro reino.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com